



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

PALLOMA SANTOS FERREIRA

**MULHER REI (2022) EM UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL:
caminhos para uma educação antirracista**

Brasília, Distrito Federal

2024

PALLOMA SANTOS FERREIRA

**MULHER REI (2022) EM UMA ANÁLISE
INTERSECCIONAL: caminhos para uma educação antirracista**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti.

Brasília, Distrito Federal

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FF383m Ferreira, Palloma Santos
MULHER REI (2022) EM UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL: caminhos
para uma educação antirracista / Palloma Santos Ferreira;
orientador Andrea Cristina Versuti. -- Brasília, 2024.
72 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. Feminismo Negro. 2. Cinema . 3. Pedagogia Decolonial.
I. Versuti, Andrea Cristina, orient. II. Título.

MULHER REI (2022) EM UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL: caminhos para
uma educação antirracista

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Profa Dra Andrea Cristina Versuti.

Data da aprovação:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti (MTC/FE/UnB) Orientadora/presidente

Profa. Dra. Renata Melo Barbosa (CEAM- UnB) membro titular

Profa. Dra. Fabrícia Teixeira Borges (IP - UnB) membro titular

Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira (MTC/FE/ UnB) membro suplente

Brasília - Distrito Federal

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, em sua infinita bondade, por ter me sustentado em todos os momentos desde a inscrição no PAS, até a conclusão do Trabalho de Conclusão de Curso.

Sou grata pela minha família e em especial, a minha avó Luísa por estar ao meu lado em todos os momentos da minha graduação contribuindo de maneira significativa para que pudesse concluir os estudos na universidade.

Às minhas amigas Eduarda, Júlia e Hellen, por estarem ao meu lado desde o Ensino Médio, quando tudo era apenas um sonho, e hoje somos fisioterapeuta, advogada, dentista e eu pedagoga. Exatamente como sonhamos e planejamos.

A formação do trio de amigos do qual eu faço parte, que esteve presente desde a primeira semana de aula Bianka e Newton, vocês têm um lugar especial no meu coração, vivenciar a Universidade e a vida com vocês é um privilégio.

Ao CAEP Centro Avançado de Estudos Psicológicos da UnB, aos técnicos(as), estagiários (as), voluntários (as) e professores (as), pelo acolhimento ao longo do meu período de graduação.

Ao meu grupo de amigos do CineLab, Larissa, Luíza, Pedro, Rayssa e Yasmin, pelas nossas conversas psicopedagógicas sobre os sentimentos e o gênero. E principalmente por terem me apoiado na escrita desse tema.

À minha querida orientadora, a professora Dra. Andrea Versuti, por ter acreditado na minha capacidade mesmo quando quis desistir e por ter iluminado meu caminho até o conhecimento, desde que comecei a frequentar suas aulas no primeiro semestre com reflexões entre, arte, tecnologias, vida, cinema e educação. A união desses elementos sem dúvidas gerou uma experiência crítica, emancipadora e transformadora. Agradeço também às mestrandas Maria Cecília Nascimento e Kelly Martins pela leitura deste trabalho, sugestões bibliográficas e principalmente por toda ajuda e apoio ao longo do processo de escrita.

À Faculdade de Educação, aos professores (as) doutores (as) em especial: Alessandro Oliveira, pela apresentação das comunidades Guajajara e Kariri Chocó, Caroline Bahniuk por ter apresentado os espaços não escolares, Catarina Almeida pelos ensinamentos de luta pelo direito de estudantes e professores, Francisco Thiago por entender que currículo é sinônimo de poder, Lygianne Vieira por mostrar novas interfaces da matemática, Patrícia Pederiva porque o silêncio também é som e um processo de escrita acadêmica com mais leveza,

Simone Lisniowki pela apresentação inicial do tema gênero e educação, Renata Melo pelos ensinamentos a cerca dos Feminismos Negros e educação antirracista, Renísia Felice pelo curso de Letramento Racial e Vinicius Souza por apresentar os infozines.

E por último, agradeço ao Programa de Residência Pedagógica da Capes e à professora Elisângela pela sua receptividade e compartilhamento da prática pedagógica, à residente e amiga Aline que dividiu as experiências da residência comigo e aos estudantes Ana Beatriz e Isaque por desafiarem os meus conhecimentos no tema de Educação Inclusiva e perceber a cada dia que estar em uma sala de aula é gratificante.

E a todos e todas que contribuíram de forma direta e indireta para a construção desse trabalho.

*“Olhai esse arco de flores,
para uma princesa corajosa
seguir com alegria [...]”*

Pedagogia Waldorf¹

¹ A epígrafe provém de uma música da Pedagogia Waldorf, que celebra o ritual de passagem da Educação Infantil, para o Ensino Fundamental.

RESUMO

O presente estudo visa apresentar o filme *Mulher Rei (2022)* e as suas contribuições para uma educação antirracista, crítica e emancipadora, através de uma análise interseccional sob o viés do Feminismo Negro compreendendo as categorias de gênero, raça e classe. Foi utilizada a técnica de decupagem clássica, a partir da seleção de cenas que corroboram para o entendimento das mulheres na narrativa fílmica, analisando os seguintes elementos da linguagem cinematográfica: planos, cores e sons. Por fim, são apresentadas as possibilidades de como o cinema é um meio potencial para o desenvolvimento da educação antirracista baseando-se nas alterações da (LDB) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9.394/96, pelas leis: 10.639/03 que institui a obrigação do estudo e valorização da cultura Africana e Afro-Brasileira e também a Lei 11.533/23 que promove a implementação da Política Nacional de Educação Digital, contexto no qual é posto o debate sobre o currículo antirracista e a Pedagogia Decolonial.

Palavras-Chave: Feminismo Negro, Cinema e Pedagogia Decolonial.

ABSTRACT

This study aims to present the film "Woman King" (2022) and its contributions to an anti-racist, critical, and emancipatory education through an intersectional analysis from the perspective of Black Feminism, encompassing the categories of gender, race, and class. The classic clipping technique was used, based on the selection of scenes that contribute to the understanding of women in the film narrative, analyzing the following elements of cinematographic language: shots, colors, and sounds. Finally, possibilities are presented on how cinema is a potential means for the development of anti-racist education, based on changes in the Brazilian Education Guidelines and Bases Law (LDB) 9.394/96, by laws: 10.639/03, which establishes the obligation to study and value African and Afro-Brazilian culture, and also Law 11.533/23, which promotes the implementation of the National Digital Education Policy, within the context of the debate on anti-racist curriculum and Decolonial Pedagogy.

Keywords: Black Feminism, Cinema, and Decolonial Pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Infância paleta rosa 2004	11
Figura 02 - Adolescência 2018.....	14
Figura 03 - Foto de Caloura 2019.....	16
Figura 04 - Seminário “ O Extraordinário” 2019.....	17
Figura 05 - Vivências no MST 2022.....	20
Figura 06 - Formanda 2024.....	22
Figura 07 - Interseccionalidade.....	28
Figura 08- Organograma sociedade daomeana 2023.....	32
Figura 09 - Recusar é opção sim	33
Figura 10- As portas do palácio.....	34
Figura 11 - Grupo Agojie.....	35
Figura 12 - Nanisca.....	37
Figura 13 - Reino de Daomé.....	45
Figura 14 - Tornar-se Agojie.....	46
Figura 15 - Plano sequência, elemento de transição.....	47
Figura 16 - Juramento de sangue.....	48
Figura 17 - Irmandade.....	49
Figura 18 - Festa pós batalha.....	50
Figura 19 - Plano sequência, cachoeira.....	53
Figura 20 - Qr code <i>soundtrack</i> no <i>Youtube</i>	54
Figura 21- Traduzida pelo <i>Chat Gpt</i>	54
Figura 22 - Santuário.....	57
Figura 23 - Trilha para a liberdade.....	58
Figura 24 - Caminho em perspectiva.....	58
Figura 25- Nawî, Nanisca e Amenza.....	68

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	11
INTRODUÇÃO.....	23
CAPÍTULO 1: Análise de Mulher Rei por uma categoria interseccional.....	26
1.1 Aspectos gerais do Feminismo Negro.....	26
1.2 Concepção Interseccional na sociedade daomeana.....	31
CAPÍTULO 2: Decupagem filmica de Mulher Rei (2022).....	40
2.1 Decupagem Clássica em Mulher Rei (2022)	40
2.2 Planos e cores	44
2.3 Trilha sonora	51
2.4 Contribuições de Mulher Rei (2022) para uma Educação Antirracista.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	69

MEMORIAL

Meu nome é Palloma Santos Ferreira e a minha história com a Universidade de Brasília, começou com a assistência pré-natal realizada pelo HUB Hospital Universitário de Brasília, onde nasci no dia 22 de maio de 2000. Atualmente tenho 23 anos, sou graduanda do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e resido na Região Administrativa do Paranoá localizada em Brasília no Distrito Federal. Venho de uma família de nordestinos e nordestinas que em busca de melhores condições de vida vieram à capital e inicialmente residiam na antiga Vila Paranoá, até a atual Região Administrativa.

Nas próximas partes do memorial, foram descritas as fases do desenvolvimento e como a educação esteve presente em cada uma delas.

Infância

Figura: 01



(Fonte: Arquivo pessoal, Infância paleta rosa, 2004)

Na fase da infância representada pela figura 1, aos 3 anos, iniciei a trajetória escolar em 2004 na Educação Infantil, em uma pequena escola privada próxima de casa no período vespertino, a escolha dos meus pais pela escola se deu pela necessidade de garantir uma educação de qualidade. O nome da minha primeira professora era Raquel, as atividades incluíam massinha de modelar, bolinhas de papel crepom, lantejoulas e purpurina, guardo memórias afetivas desses materiais. No mesmo ano conheci minha amiga de infância Clysia, estávamos sempre juntas, nos recreios as brincadeiras cotidianas geralmente eram: casinha, pique-pega e a mais marcante era nos imaginarmos como vocalistas da banda Rebelde.

Com a chegada do Ensino Fundamental I, fui alfabetizada no 1º ano, a escola era tradicional e utilizava o método silábico de alfabetização, lembro de fazer muita cópia do quadro de giz, a transição de escrita do lápis para caneta ocorreu no 2º ano, inclusive nessa época aprendi a tocar flauta doce, realizava produções de texto e provas sem consulta, junto a isso, surgiram as primeiras dificuldades de aprendizagem em matemática. Permaneci com a mesma turma desde a Educação Infantil até o 3º ano.

Em 2009 ingressei na Rede Pública de Ensino do DF, na escola Classe 01 do Paranoá. Lembro de a sala ser bem cheia, diferente da escola anterior e rapidamente fiz novas amizades. A professora Daniela tinha uma escuta sensível conosco e buscava trazer práticas inovadoras em suas aulas, na feira de ciências fiz o clássico vulcão de argila. Sobre o 5º ano tenho recordações dos momentos de recreação, jogávamos queimada na quadra de areia e nos fundos da escola tinha um pé de manga, lá a professora fazia uma roda de contação de histórias, quando as mangas ficavam maduras tínhamos a oportunidade de colher. Sinto que a escola pública proporcionou vivências inesquecíveis na minha vida escolar.

Em suma, a infância foi marcada pelo gosto dos desenhos animados exibidos no Bom dia & Companhia e Tv Globinho, as melhores brincadeiras eram no parquinho de areia e nos fundos da casa da minha avó onde tinha um azulejo branco, e com o auxílio de canetinhas hidrocor aquela parede se tornou meu primeiro quadro, os ursinhos e bonecas eram os estudantes de uma sala de aula, a qual eu era a professora.

Adolescência

A pré-adolescência chegou e no Ensino Fundamental II retornei para uma escola privada diferente da anterior, também no Paranoá, onde fiz o 6º ano, em um caráter conteudista, tive a oportunidade de ter aula de espanhol, o que até então era novo. Nesse momento comecei a criar uma grande familiaridade com as aulas de história, lecionadas pelo professor André, os temas estudados costumavam ser a Grécia, Roma, Egito e as pinturas rupestres, era perceptível o quanto as aulas eram bem elaboradas para chamar a nossa atenção e o livro didático tinha páginas acetinadas, e imaginava como seria viajar para aqueles lugares, a história aos poucos se tornou uma matéria que expandia a minha imaginação e visão de mundo, porque tornava-se diferente do mundo que eu já conhecia.

No entanto, meus pais não conseguiram manter essa escola, no ano seguinte, retorno para a rede pública e cursei o 7º ano, no Centro de Ensino Fundamental 03 do Paranoá, a realidade era muito difícil, pois, as salas eram superlotadas e os professores tinham muitas

dificuldades em ministrar as aulas. Analisando a trajetória escolar, foi ressaltado um bom desempenho escolar e na última reunião de pais o professor sugeriu uma mudança de escola para o Plano Piloto, a fim de, evoluir na aprendizagem e assim aconteceu.

Iniciei os estudos no Centro de Ensino Fundamental 405 Sul. Junto com a mudança de escola fui contemplada com uma vaga no CIL 02 de Brasília, na modalidade da Língua Inglesa no horário contrário a escola, tive muitos aprendizados sobre o idioma e conheci uma querida amiga a Júlia. No CIL a educação realmente foi transformadora, porque aos 13 anos eu ainda não era capaz de mensurar as ricas oportunidades que esse aprendizado poderia proporcionar. Comecei estudando pela tarde no 8º ano, o trajeto era feito no ônibus de transporte coletivo com o benefício do Passe Livre Estudantil, ao fim do ano consegui ser aprovada em todos os componentes curriculares, mas a dificuldade em matemática persistia, e o relacionamento com os pares se tornou difícil, pois, naquela fase da adolescência a estética era importante e comecei a sofrer *bullying*, por consequência, isso gerava desmotivação.

Continuei na mesma escola, mas, no período da manhã no 9º ano meu rendimento caiu consideravelmente e passei a ter um comportamento mais agitado em sala de aula, havendo conversa excessiva, nesse momento a escola não foi um ambiente acolhedor, porque não se atentou aos aspectos emocionais causados pelo *bullying* e muito menos buscou intervenções pedagógicas para tratar essa problemática latente na referida comunidade escolar. Além disso, infelizmente pelos critérios da avaliação somativa fui para a recuperação no componente curricular de ciências, visto que, a dificuldade em matemática respingou neste campo no conhecimento, pois, já era uma introdução à Física e por 0,3 décimos, cheguei à recuperação final, não passei e fui reprovada.

Em 2015 continuei na mesma escola e fizemos um *tour* pelo IQ Instituto de Química, da UnB, realizamos experimentos e tive a primeira conversa sobre pesquisa, o professor do laboratório ressaltou a importância de as experiências possuírem utilidades sociais e não serem somente estéticas. No fim do ano consegui ser aprovada em todos os componentes curriculares e passei para o Ensino Médio.

Ensino Médio

Figura 02



(Fonte: Arquivo Pessoal, Adolescência, 2018)

Essa etapa foi muito esperada para ser realizada no Centro de Ensino Médio Setor Leste, demonstrada pela figura 2 lembro que organizei meu material escolar e separei minha melhor roupa para o primeiro dia de aula, o 1º ano foi cheio de novas descobertas, fiz amizades presentes em minha vida até hoje e percebo o quanto a vida foi generosa conosco.

Posso dizer que no Setor Leste a convivência foi mais leve no ambiente escolar e começaram, as primeiras aulas de redação direcionadas para o vestibular, realizadas pelo professor Bruno Luiz, além disso, a área de Ciências Humanas começou a chamar atenção para as escolhas profissionais.

Estudávamos as obras do PAS, Programa de Avaliação Seriada e a Universidade de Brasília foi apresentada como um futuro a ser alcançado por nós estudantes de escola pública. Entretanto, não foi através da escola que eu conheci a UnB isso só foi reforçado, o primeiro contato foi saber que havia nascido em um hospital universitário, depois de ter conhecido o IQ passei a prestar atenção nas reportagens do DFTV feitas no ICC Instituto Central de Ciências, portanto, internamente já havia criado um sentimento sobre ir para a UnB desde o Ensino Médio e esta escola teve um papel fundamental nisso. Ao fim daquele ano fiz a inscrição no PAS triênio 2016/2018 e realizei a primeira etapa, que foi desafiadora, e o resultado incentivou o foco nos estudos para a segunda etapa.

Com a chegada do 2º ano, estudei pela manhã e a escola tinha projetos diferentes como um curso de oratória organizado pelo Grêmio escolar, fiz algumas aulas nesta oportunidade e troquei aprendizados sobre temas sociais com os colegas. A maioria dos projetos eram

realizados em turma, no festival de curtas fiz parte do grupo de roteiro e na Amostra Cultural deveríamos apresentar peças teatrais e compus parte desse elenco.

Nas aulas de química estudei a descoberta do raio X, realizada por Marie Curie, refletindo sobre sua história, criei uma indagação: Qual é o lugar das mulheres nas ciências? Porque só constava nome de homens nos meus livros até então. Ao fim do ano fiz prova da segunda etapa e o resultado se mostrou mais satisfatório do que no ano anterior, sinal de que meu esforço foi efetivo.

O último ano da escola se iniciou, simultaneamente com o projeto pedagógico (Rê) vivendo Êxodos, idealizado pelo professor de História Luiz Guilherme, que consistia na elaboração de um portfólio em grupo o qual seria o mesmo do início até o fim do ano. Incluindo pesquisas sobre fatos histórico-culturais do Brasil e do mundo, visitas a exposições de arte no CCBB Centro Cultural Banco do Brasil e Caixa Cultural. Além disso, deveríamos optar pela escolha de uma Região Administrativa do DF para conhecer e pesquisar sobre sua história, na formação de Brasília. Fazíamos roda de conversa, sobre o período pós Ensino Médio e trocar experiências com os estudantes que participaram do projeto anteriormente e voltavam para contar como era a vida universitária na UnB.

A metade do ano chegava e a responsabilidade com o vestibular só aumentava e apareceu uma oportunidade para os estudantes da regional do Plano Piloto, um cursinho social o “Mais ENEM”, com professores voluntários, as aulas eram nos sábados pela manhã. Isso aumentou as minhas responsabilidades e precisei dividir o tempo entre a escola, o CIL e o cursinho uma vez na semana.

Em 2018, os componentes curriculares foram divididos em ciclos, parte no 1º semestre e a outra parte no 2º semestre. A Sociologia chegou para a minha turma no 2º semestre letivo e tínhamos rodas de conversa sobre um tema específico a juventude, partilhamos nossas histórias e perspectivas futuras, ao final do ano fizemos um pequeno trabalho escrito de poucas páginas em grupo seguindo a mesma estrutura de um trabalho de conclusão de curso, conversamos sobre universidade e profissões. Após essa aula, o sinal tocou e estávamos saindo da sala perguntei para o meu professor Dr. Gilberto Barral se o curso de história estudava sobre a elaboração do ENEM Exame Nacional do Ensino Médio, porque eu achava injusto que não tivesse vaga para todos os interessados em entrar na universidade. Ele respondeu que a área do conhecimento que estuda isso é a Pedagogia, pois, especializa-se nos assuntos educacionais e o ENEM é um deles, a Universidade de Brasília seria uma excelente oportunidade de crescimento, porque nela eu poderia ter crescimento profissional e evoluir na

academia, naquele dia eu descobri que o mestrado e o doutorado existiam e a Universidade tornou-se uma meta a ser alcançada.

No triênio que realizei ainda era possível mudar a escolha do curso, após a divulgação do argumento final estava indecisa entre, História e Pedagogia, conversei com meus pais e optei pela Pedagogia, seria um caminho mais seguro, pois meu sonho aos 18 era me tornar professora e trilhar esse caminho na Pedagogia seria uma excelente escolha. O resultado do primeiro semestre saiu, mas eu não fui aprovada de primeira, tive até a 4ª chamada e eu era a próxima da lista, então, fui aprovada no dia 22 de março de 2019 no curso diurno de Pedagogia na Universidade de Brasília com ingresso no 2019/2.

A sensação de ver meu nome na lista foi indescritível e sem dúvidas o melhor dia da minha vida até hoje, lembro de atualizar de estar no ateliê da minha avó que só tem estudos até a quarta série, atualizar a página meu Galaxy A5 e dizer “Vó eu passei na UnB”. Naquele momento eu me tornei a primeira pessoa da minha família, tanto materna como paterna, a entrar em uma Universidade Pública. Depois disso, saí de casa sozinha e peguei um ônibus, cheguei ao teatro de arena e vi meu nome na lista física, meses depois voltei para a recepção dos calouros.

Universidade de Brasília

Figura 03



(Fonte: Arquivo pessoal, foto de caloura, 2019)

Realizei o registro em julho de 2019, conforme a figura 3 entrei oficialmente na UnB aos 19 anos. Em agosto as aulas se iniciaram e simplesmente fiquei encantada com a universidade, um novo mundo de possibilidades era apresentado. O primeiro dia de aula foi muito marcante, nos apresentamos na aula de Antropologia e Educação com o professor Dr. Alessandro Oliveira, lembro de olhar em volta e ver uma sala com estudantes jovens, que

havam acabado de sair do Ensino Médio e isso trouxe identificação e mais segurança. Enquanto caloura senti que o ambiente da Faculdade de Educação era acolhedor.

Ao longo do primeiro semestre tiveram alguns pontos significativos. O primeiro foi no curso de Filosofia da Educação lecionado pelo professor Dr. Vinicius de Souza a leitura do livro: *O que é lugar de fala?* escrito por Djamila Ribeiro, ler esse texto trouxe muitas indagações sobre a visão do mundo que eu tinha quando cheguei à universidade, e o segundo foi no curso de Psicologia da Educação com a professora Dra. Simone Lisniowski, quando realizamos um seminário em grupo sobre gênero e educação, foi uma troca de experiências muito rica com a turma, para fazer esse seminário adquiri um livro chamado: *Diferentes não desiguais*, escrito pelos autores: Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura. Nesse livro foram apresentadas as ondas do Movimento Feminista e tópicos específicos sobre gênero e educação, essa temática despertou interesse em saber mais sobre esses temas.

A área que mais chamou atenção no primeiro semestre foi o curso de Educação Tecnologias e Comunicação, lecionado pela professora Dra. Andrea Versuti. Ao longo do semestre aprendemos sobre o conceito de tecnologia, multiletramentos, transmidiação, ciberespaço e cibercultura e assistimos juntos ao filme: *Uma história de amor e fúria* (2015).

Figura: 04



(Arquivo pessoal, seminário “O extraordinário”, 2019)

Chegando ao fim do semestre, o último tópico apresentado foi a composição das imagens e a experiência estética. Conversamos sobre o conceito de decupagem dos filmes e a intencionalidade das cores e sons. No trabalho final, fiz parte de um seminário recordado pela figura 4, no qual deveríamos escolher um filme e fazer uma sequência didática baseada nele,

meu grupo escolheu o filme: *Extraordinário* (2017), dirigido por Stephen Chbosky que conta a história de Auggie Pullman, um garoto que em decorrência de uma síndrome teve cirurgias realizadas em seu rosto e na escola passa a sofrer *bullying*. Ao longo da diegese há uma reflexão sobre a autoimagem e pensando nisso, apresentamos os elementos da imagem e experiência estética. A sequência didática se resumiu em assistir o filme com a turma, discutir as impressões e pensar sobre as diferenças e a inclusão. De fato, ao fim do primeiro semestre, a disciplina ETEC me marcou de forma significativa e desde então a minha visão sobre os filmes mudou e estava recheada de novas descobertas.

Aduldez

Atingi a adultez (21 anos) durante o ensino remoto, consegui meu primeiro emprego como estagiária em um colégio internacional bilíngue na Educação Infantil, entretanto isso só foi possível pela formação realizada no CIL, concluída em 2018 junto com o Ensino Médio, tive aprendizados significativos, mas, percebia o quanto aquele era um espaço elitizado.

Após isso, recebi uma proposta de estágio melhor a anterior, no mesmo segmento, entretanto, no cotidiano com as crianças presenciei um diálogo significativo no meu caminho como educadora, a situação ocorreu durante o parquinho na brincadeira livre Vitória é uma criança branca dos olhos azuis, cabelos louros e lisos com a idade de 3 anos sempre se mostrou comunicativa, Alice é uma menina negra de olhos castanhos e cabelo crespo, com 4 anos de idade. Vitória me chama e Alice vem andando rapidamente para perto de nós e ocorre o seguinte diálogo: — Vitória: Tia, a Alice quer ser princesa na brincadeira, mas não é como uma princesa. — Alice: Eu posso ser sim! E respondi que ambas poderiam ser, e que todas as meninas podem ser princesas não só a Vitória. Entretanto, o que havia nas entrelinhas dessa situação é que Vitória era a única menina negra em uma escola onde todas as crianças eram brancas, mas, não haviam trabalhos pedagógicos que visassem as relações étnico raciais naquela escola e depois disso, passei a dar mais acolhimento e escuta para Vitória. E percebi em minha práxis pedagógica, que seria imprescindível buscar conhecimento sobre essa área do conhecimento que até aquele momento conhecia tão pouco.

Realizei o curso de História Identidade de Cidadania com a professora Dra. Renata Melo. O plano de curso foi organizado de um jeito diferente do que eu estava acostumada, mostrava o protagonismo das mulheres negras na educação, isso trouxe lembranças, de

quando questionei no Ensino Médio quais eram os lugares das mulheres na ciência e trazer isso para a educação foi a quebra de um paradigma epistemológico. Desde então, aprendi que deveria dar mais atenção à bibliografia dos textos que leio e filtrar se eles são de uma cultura hegemônica, ou não.

Com a volta ao ensino presencial, estava muito animada para retornar às atividades na UnB e surgiu a oferta do curso de Fundamentos da Linguagem Cinematográfica para a Educação, com a professora Dra. Andrea Versuti, tive um aprendizado ainda maior sobre o campo de cinema educação, naquele momento estava decidida a fazer o TCC nessa área. Aproveitando a oportunidade, estava fazendo o Estágio nos Anos Iniciais, e por que não levar uma sequência didática de cinema para a escola? E assim fiz, escolhi o filme *Wall-e (2008)*, assistimos e conversamos sobre o Meio Ambiente com a turma e fizemos um folioscópio, trabalhando a imagem e o movimento.

O que fomentou a escrita deste tema para o Trabalho de Conclusão de Curso?

Em primeiro lugar, ao longo do curso já tinha em mente que gostaria de desenvolver o TCC tema na área de Educação Tecnologias e Comunicação. Assistir ao filme *Uma história de amor e fúria (2017)* despertou minha curiosidade, por ser baseado em fatos reais, e ainda que ele tenha elementos de ficção, a essência desse enredo é verídica, o colonialismo principalmente.

Com a finalidade de unir o gosto pela História que tenho desde os 11 anos aos objetivos em comum como os aprendizados adquiridos até o semestre 2022.2, escolhi o tema: *Mulher Rei (2022)*: uma análise interseccional, porque acredito ser possível a elaboração dos estudos sobre interseccionalidade, com base nos Feminismos Negros e a linguagem cinematográfica como ponte de reflexão para caminhos de uma Educação Antirracista, compartilhando um olhar sobre o continente africano de modo a delinear caminhos pela perspectiva de uma Pedagogia Decolonial. Após a escolha do tema a ser trabalhado, desenvolvi o TCC I com a professora Dra. Andrea Versuti, sendo a primeira parte direcionada ao pré-projeto desta pesquisa.

No mesmo semestre de escrita do TCC I, cursei a disciplina Educação das Relações Étnico Raciais, também com a professora Dra. Renata Melo, período no qual aprofundamos os conhecimentos sobre a Educação Antirracista. E no primeiro semestre de 2023, fiz outros dois cursos História e Cinema: Perspectivas dos Feminismos Negros, Decoloniais e Interseccionais e o de Cultura Poder e Relações Raciais, ambos contribuíram substancialmente para a

temática do TCC, além de ter sido apresentada ao cinema negro brasileiro.

Figura: 05



(Fonte: Arquivo pessoal, vivências no MST, 2022)

As experiências teóricas construíram uma inter-relação com a vivência proporcionada pelo estágio IV apresentado pela figura 5, em espaços não escolares sob orientação da professora Dra. Caroline Bahniuk onde fui apresentada à realidade social das crianças na ciranda infantil do MST Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, no campo de pesquisa: Centro de Educação e Agroecologia Gabriela Monteiro. em Brazlândia -DF, a experiência durou um fim de semana e pude vivenciar ao lado das crianças sua realidade, devido às condições do local entrei em contato com um tipo de vulnerabilidade social, nunca antes experienciado e isso motivou uma análise crítica sobre as classes sociais, fator relevante do fazer docente.

Em 2023.2 eu iniciei a escrita do TCC II, porém, como já estava no penúltimo semestre de formação, não consegui concluir o texto no fim do semestre, pois a universidade exige muito de nós estudantes, especialmente da nossa presença. Em 2023.1, o meu tempo

estava sendo dividido no último estágio não obrigatório que realizei na área de Educação Inclusiva e os cursos nos quais estava matriculada. Também fiz parte do Programa de Residência Pedagógica, que me preparou para estar em uma sala de aula como futura professora. Os aprendizados foram imensos, principalmente com os estudantes. Devido à longas distâncias percorridas no transporte público, com o tempo, o meu corpo e mente sentiram esses efeitos, por esses motivos a conclusão dessa pesquisa foi prorrogada.

Sobre a Universidade finalizo dizendo que o término da graduação, não se resume a um diploma em PDF, mas sim em uma educação transformadora, que tive a rica oportunidade de vivenciar nesses 5 anos ao lado de amigos, docentes e colegas que compartilharam momentos divertidos, acolhedores e cheio de aprendizados.

Contudo, não poderia deixar de mencionar as dificuldades em trilhar esse caminho, como as vezes em que ia e voltava no escuro para fazer estágio e ter aulas pela tarde e noite, das chuvas que me pegaram de surpresa a caminho da parada de ônibus, as noites mal dormidas e das dificuldades financeiras para que pudesse continuar na universidade e ter um futuro melhor.

Concluir esse percurso só foi possível pelos vínculos criados ao longo desse período e compreender que eu não estava sozinha. Atualmente como futura docente tenho a certeza de que escolhi a profissão certa, mesmo tão jovem e não imaginava que a partir do faz de conta naquela parede branca que riscava com canetinha hidrocor, um dia pudesse se tornar uma sala de aula real e construir novas histórias, assim como Chimamanda Adichie nos ensina sobre as histórias não serem únicas e pela compreensão dessa subjetividade, eu continuarei a conduzir minha trajetória enquanto educadora, aliando a práxis proporcionada pela Universidade de Brasília e a Faculdade de Educação.

Mediante o que foi apresentado, acho importante situar o lugar de onde falo como mulher cis branca no contexto brasileiro, de classe média baixa, que pesquisa as relações étnico-raciais e suas interfaces educacionais. Sob essa perspectiva que esse trabalho foi escrito, compreendendo ainda lugares que sou impossibilitada de alcançar por não ter algo que é muito específico aos movimentos negros, a vivência.

Perspectivas Futuras

Figura: 06



(Fonte: Arquivo pessoal, formanda, 2024)

A figura 6 representa a fase final da graduação. Pretendo iniciar a carreira docente como professora de escola pública. As áreas que tive maior identificação ao longo da graduação foram: os espaços não escolares, e a gestão escolar especificamente no cargo de supervisão, compreendo que para chegar em uma dessas etapas é preciso passar pelo chão da escola e aprimorar conhecimentos. É pensando nisso que vejo o mestrado acadêmico como o próximo passo, dedicarei muitos anos na academia com o intuito de chegar ao magistério no Ensino Superior. Recentemente, fui aprovada no concurso para professora temporária no DF, acredito que um novo capítulo da minha história se iniciará e quanto a UnB, é só um até logo! Até a pós-graduação.

INTRODUÇÃO

A história retratada em *Mulher Rei (2022)* permite questionamentos referentes ao colonialismo europeu no continente africano e sua associação com os papéis sociais femininos na sociedade a qual o filme retrata. Verificam-se potencialidades no estudo dos elementos cinematográficos deste filme, baseando-se preferencialmente na literatura decolonial, a fim de pensar a Educação em uma perspectiva antirracista, ou seja, mudando a ótica já enraizada pelo colonialismo. Por conseguinte, adota-se a análise de entrelaçamento das categorias: gênero, raça e classe, as quais formam o conceito de interseccionalidade, termo originário do Feminismo Negro.

A escolha referencial da interseccionalidade ocorre devido a sua abrangência analítica para as especificidades presentes em *Mulher Rei (2022)*. Essa produção fílmica representa uma quebra do pensamento hegemônico a respeito do continente africano, pois quem conta a narrativa é o povo daomeano e não os colonizadores, reiterando assim o conceito de Adichie (2019) sobre não existirem histórias únicas, o que contribui para a Educação das Relações Étnico-Raciais, dada a importância de trabalhar essa pluralidade por um viés interseccional.

Por isso, para repensar o contexto educacional deve-se identificar onde se situa o ponto de partida do conhecimento construído em torno da colonização e quem é o principal agente de idealização dessas narrativas. Compreende-se o conceito colonialidade do poder proposto por Quijano (2005) sendo nítido que as relações de poder influem no saber, o qual é pautado em uma racionalidade eurocêntrica. Além disso, é fundamental desenvolver uma ação educativa que hooks (2020) teoriza como *self actualization*, ou seja, as educadoras devem ter autorreflexão mediante os processos educativos, e ao fazer esse exercício e adentrar em epistemologias contra hegemônicas, inicia-se, portanto, um ensino por um viés decolonial.

Nesse sentido, percebe-se que não há uniformidade nas histórias, pois, “acho que essa história única da África, veio, no final das contas, da literatura ocidental” (Adichie, 2019, p. 19), esse fragmento remete à origem da construção das literaturas ocidentais, as quais têm suas referências no pensamento eurocêntrico, sendo assim, é perceptível a sua hegemonia no modo de avaliar e aprofundar os fatos históricos. Desfazer esse pensamento é um desafio eminente de autorreflexão do fazer docente.

Evidentemente, fazer rupturas epistemológicas na prática pedagógica é um ato

referente a “qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa existência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas” (hooks, 2020, p.18), baseado nisso, permear a práxis docente é um exercício contemplativo e demonstrativo de recentralizar as óticas do protagonismo na historicidade africana, o que pode ser possível por meio de um trabalho pedagógico voltado para a produção de *Mulher Rei (2022)*, dirigido por Gina Prince Bythewood, que convida a espectadora a expandir o conhecimento sobre o protagonismo do povo daomeano.

A problemática geral que norteou essa pesquisa buscou evidenciar quais as contribuições de *Mulher Rei (2022)* para discutir a temática da interseccionalidade na perspectiva de uma educação antirracista. No filme, foram encontradas contribuições relativas à trajetória do grupo das Agojie quanto à individualidade de suas personagens, como também ampliou os conhecimentos sobre o reino em que a história se passa, demonstrando uma perspectiva contra hegemônica sobre o continente africano, a qual contribui diretamente para uma Educação Antirracista.

Como objetivos específicos, o trabalho apresentou a discussão teórica sobre a interseccionalidade a partir dos seguintes conceitos precursores dos Feminismos Negros, vertente que origina a interseccionalidade: colonialismo e colonialidade em suas subdivisões como a colonialidade do saber, do poder e do ser sob a perspectiva de Quijano (2005) e a interseccionalidade proposta como um conceito por Crenshaw (2002) e discutida também por Akotirene (2020) que apresenta o termo Letramento Interseccional, embora outras autoras do Feminismo Negro já versassem a respeito das intersecções entre raça/etnia, classe e gênero, como Lélia González (1981), Sueli Carneiro (1985), entre outras.

Buscou ainda demonstrar por meio da decupagem clássica, idealizada por Xavier (1977), as características da produção estética de *Mulher Rei (2022)* selecionando cenas que evidenciam a trajetória feminina ao longo da narrativa, incluindo uma análise das paletas de cores com base em Heller (2008) e Farina (2011), e dos sons, a partir da teoria de Xavier (1977) sobre o cinema sonoro, e de Almeida (1994), quando tratou da articulação entre imagens e sons.

Além disso, propôs reconhecer as potencialidades da diegese para a promoção de uma Educação Antirracista baseada em Carine (2023), que discute questões acerca do âmbito escolar, e em Gomes (2012), que apresenta a descolonização dos currículos como um objetivo a ser alcançado. Trazemos também as contribuições da Lei 10.639/03 que visa a obrigatoriedade do ensino da história africana por meio da utilização de práticas

pedagógicas orientadas pela interculturalidade. A recente promulgação da Lei 14.533/23, a qual propõe a Política Nacional de Educação Digital (PNED), também trouxe contribuições relevantes que foram apontadas nesta seção do trabalho.

A discussão da importância do cinema para a educação revela o entendimento crítico da estética cinematográfica, pois, para Almeida (1994), os filmes não são considerados ferramentas didáticas e sim uma união entre a cultura e a arte em uma sociedade imersa na mídia, na qual desenvolver o senso crítico é fundamental. Essa criticidade deve partir inicialmente do corpo docente. A inter-relação da Educação Antirracista com o cinema é propriamente a capacidade que o cinema possui de demonstrar outros imaginários possíveis. Em suma, podemos dizer que a abordagem da Pedagogia Decolonial se mostrou favorável para a construção de epistemologias que contribuem para uma Educação Antirracista.

Este trabalho foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e da utilização da técnica de Decupagem Clássica de Xavier (1977), considerando ainda os aspectos do Letramento Interseccional proposto por Akotirene (2020), privilegiando a utilização de referências que englobam os Feminismos Negros.

Este estudo está estruturado em dois capítulos nos quais os objetivos específicos foram desenvolvidos. No Capítulo 1, são apresentados os termos que originam o Feminismo Negro e a interseccionalidade, demonstrando como esse conceito é representado na sociedade presente no filme *Mulher Rei* (2022). No capítulo 2, os frames são selecionados a partir da Decupagem Clássica, seguida da análise de cores e sons. E ao final do Capítulo 2, foram apresentadas as contribuições do filme para o campo educacional por uma perspectiva antirracista. Ao final do texto, ofertamos as considerações finais da pesquisa.

CAPÍTULO 1: Análise de Mulher Rei por uma categoria interseccional

1.1 Aspectos gerais do Feminismo Negro

Inicialmente, para compreender os estudos relativos ao Feminismo Negro é indispensável a apresentação e análise epistêmica de termos como: colonialismo, colonialidade e interseccionalidade, pois esses conceitos estão ligados às causas de movimentação desta teoria feminista em prol da diversidade.

Entende-se que o colonialismo teve sua ascendência entre o século XV e XVII, logo, é a junção entre práticas de dominação e exploração por abarcar indagações acerca da cultura, religião e território. Com base nisso, pode-se afirmar que “o colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império” (Torres, 2007, p.131 apud Candau e Oliveira 2010, p.18), dessa forma, gera uma instabilidade nas relações sociais. A colonização ocorreu violentamente, pois os impérios não “descobrem” novas terras e sim destroem, exploram e escravizam determinado povo o qual já tem sua própria história, e fazem tudo isso por benefício de poder. Por esse motivo, infere-se que o colonialismo surgiu na Europa, se expandindo para outros continentes, em destaque a África, para obter recursos, no entanto, houve conflitos nessa expansão.

Seguindo esse raciocínio, o colonialismo adere a outra roupagem que se estende no período de pós-modernidade, designada por colonialidade, e a partir disso, consolida-se o que Candau e Oliveira (2010) descrevem sobre a extensão da colonialidade no eurocentrismo - isso se divide em duas etapas que se iniciam no projeto dito civilizatório até a repercussão na produção do conhecimento. Em razão disso, a ideia do eurocentrismo conseguiu elaborar a falácia de que a Europa teria certa superioridade quanto aos grandes feitos históricos, sendo um sinônimo de civilização, logo, seria apenas um detalhe para esse desdobramento atingir as áreas do conhecimento, entretanto, é notório como ainda são presentes fragmentos colonialistas nas epistemologias atuais.

Em síntese, a colonialidade se ramifica em três tópicos, o primeiro, a Colonialidade do Poder, sendo “uma nova tecnologia de dominação/exploração, neste caso raça/trabalho, articulou-se de maneira que aparecesse como naturalmente associada, o que, até o momento tem sido excepcionalmente bem sucedido” (Quijano, 2005, p. 109). Tal tecnologia indica

como o vínculo de poder é efetivado na esfera do trabalho, portanto, esse molde se estende até a atualidade. Todavia, a Colonialidade do Poder tem correlação com sistema capitalista, ambos conceitos são vinculados à exploração. Inclusive, Quijano (2005) enumera uma tríade formada pelos seguintes eixos: Colonialidade do Poder, eurocentrismo e capitalismo, em decorrência dessa junção, o panorama eurocêntrico é difundido nos lugares onde o colonialismo teve sua ascendência.

Por conseguinte, o segundo tópico é a Colonialidade do Saber, apresentada por De Castro (2020) fundamentada no eurocentrismo, que gera um atravessamento na relação entre colonizador e colonizado, sendo assim, os princípios eurocêtricos justificam-se através dessa superioridade. Ademais, a Colonialidade do Saber é retratada por uma indiferença destinada a ideias que não são coniventes com esse padrão, nesse sentido, qualquer tentativa de civilidade sem afinidade com essa referência é negada, tornando visível a tentativa de apagamento de narrativas plurais.

E o último tópico é a colonialidade do ser a qual segundo Quijano (2005) é permeada, pelos outros dois tipos a colonialidade do saber e do ser, ao atingir o ser externa-se questões relativas ao imaginário social das questões raciais, as quais são influenciadas pela ordem capitalista.

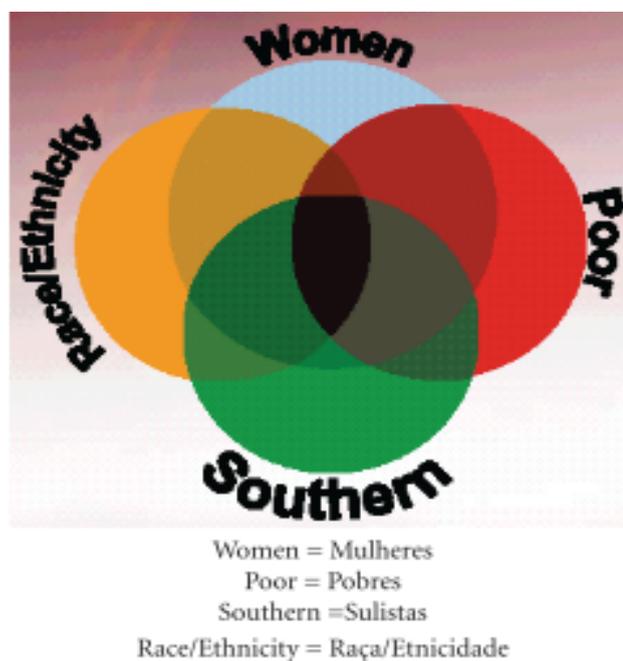
Correlacionando essas duas ramificações da colonialidade, depreende-se que a Colonialidade do Poder é estabelecida objetivamente pela exploração, já a Colonialidade do Saber é resultante de um controle que abarca aspectos culturais e analíticos da formação do saber. De fato, ambos os conceitos exemplificam como essa imposição eurocêntrica gera uma opressão frente a criações ocidentais.

Conforme os termos apresentados acima, fazemos o delineamento inicial da teoria interseccional, sendo relevante para a definição de outros elementos que constituem a interseccionalidade, como: gênero, raça e classe. Nesse sentido, são elucidadas as ideias presentes no Feminismo Negro, visto que essas temáticas são recorrentes nas discussões dessa vertente feminista, pois a interseccionalidade compreende as especificidades das mulheres negras socialmente.

A interseccionalidade faz uma investigação ampla em volta das categorias que a constituem, pois aproxima gênero, classe e raça em um entrelaçamento para compor a teoria do Feminismo Negro. Em virtude disso, “reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero” (Crenshaw, 2002, p. 02) coloca em pauta os atravessamentos e sua

influência nas vivências das mulheres negras, então, não fragmenta a área de estudo dessa análise. Nesse sentido, Crenshaw (2002) criou uma imagem que demonstra didaticamente o conceito da interseccionalidade.

Figura:07



(Fonte: Crenshaw, 2002, p.10, Interseccionalidade)

Na figura 07, Crenshaw (2002)² separa um círculo para cada categoria, ambas acabam se encontrando no centro. Essa é uma maneira prática para explicar como tudo isso perpassa as mulheres negras, tal representação permite um diálogo com Akotirene (2020) pela interseccionalidade possibilitar o estudo dessas categorias, sem a sobreposição de uma sobre as outras, pois, para a autora, desfazer essa hierarquia de opressões possibilita uma observação ampla a respeito das relações de poder.

De acordo com isso, aprofundando a ideia da hierarquia de opressão, Lorde (2019) afirma que não há ganhos significativos no exercício da opressão sob determinado grupo. Ao fazer essa intervenção, a autora sugere que a união diante das lutas sociais é mais efetiva do que a fragmentação desses atravessamentos. Portanto, a eliminação da hierarquia de opressão

² Anteriormente à Crenshaw (2002) já se falava sobre interseccionalidade no Brasil, mas não exatamente com a terminologia apresentada, Carneiro (1985) e González (1981) já traziam discussões que englobam gênero, raça e classe. Nessa perspectiva, a interseccionalidade é um conceito que se estende amplamente em todas as áreas do conhecimento.

frente às análises sociais abre um espaço de questionamento para o que Akotirene (2020) disserta sobre a interseccionalidade não ser proveniente de uma luta individual, mas é desenhada por um grupo com esse objetivo comum. Nesse caso, o grupo de objetivo comum é o Feminismo Negro porque traz visibilidade para as narrativas das mulheres negras e por meio da interseccionalidade, abrimos caminhos para as especificidades que acompanham essas trajetórias, deste modo, distanciando o enfoque de exercermos a mulheridade hegemônica.

Mediante o que foi exposto sobre a interseccionalidade, uma das finalidades do Feminismo Negro segundo Akotirene (2020) é entender como ocorrem os desdobramentos das questões raciais com o intuito de desfazer estereótipos sociais enraizados em um termo que a autora denota como cisheteronormatividade, pois o Feminismo Negro oportuniza discussões que contemplam as vozes das mulheres negras. Depreende-se que esta abordagem teórica viabiliza discursos coerentes, pois tem como base as narrativas interseccionais das vivências femininas negras, considerando as individualidades, distanciando-se da cisheteronormatividade - termo definido a partir da noção binária de gênero que considera o masculino e feminino -, todavia, deslocar-se desse padrão de gênero é transcender as expectativas das regras sociais.

Com base nisso, Louro (1997) afirma que os papéis de gênero estão ancorados no corpo social, havendo uma normatividade relacionada a aquilo que é ou não feminino e masculino. No entanto, reduzir o gênero apenas como uma diferenciação de masculino e feminino imposta pelos papéis sociais seria deixar de lado a pluralidade que o gênero possui, pois existem variadas formas para denomina-lo. Louro (1997), por exemplo, dispõe do conceito identidade de gênero, o qual é concebido individualmente, cabendo ser analisado a partir da subjetividade da pessoa e das diferenças entre as próprias mulheres.

Discorrer sobre a identidade de gênero é adentrar em novas possibilidades. Nesse sentido, Louro (1997) convida a observação de duas proposições importantes: a primeira, a qual o gênero não é externo à pessoa e sim faz parte dela; a segunda é a localidade, etnia e a classe onde a pessoa reside, pois, a autora define que o âmbito social é “engendrado”. Logo, uma sociedade engendrada é aquela que determina o que está posto ao gênero, e embora existam definições sociais perante à expectativa do gênero, a identidade de gênero é considerada fluida baseada na especificidade de cada indivíduo.

Seguindo essa linha de raciocínio, para além do gênero, delimitar o conceito de raça é imprescindível nos estudos interseccionais, visando enriquecer o debate sobre essas categorias, infere-se que: “a noção de raça como referência a distintas categorias de seres

humanos é um fenômeno da modernidade, que retoma aos meados do século XVI” (Almeida, 2019, p. 19). Essa afirmação permite considerar a raça enquanto categoria de análise histórica, a partir disso, define-se que os tensionamentos acerca da temática de raça começam na linha modernidade, mas também, se inserem no contexto atual do século XXI como uma discussão emergente no campo de investigação dos estudos relativos à sociedade.

De acordo com o que foi definido sobre raça, influi-se que o “racismo, a crença na superioridade inata de uma raça sobre todas as outras e, assim, o direito à predominância” (Lorde, 2019, p. 274), essa crença é oriunda do *status quo*, na maneira de perceber as associações entre as desigualdades sociais e o racismo. Sob o mesmo ponto de vista, Bento (2022) teoriza o termo branquitude, sendo justamente essa ideia estrutural de supremacia na qual a branquitude é a própria representação da hegemonia, e nesse caso, está presente quando o racismo se perpetua nas estruturas sociais.

Aproximando essa discussão para o cenário atual, o racismo infelizmente estrutura o corpo social, questão que demonstra que o racismo está ligado à sistematização entre a política e sua correlação econômica (Almeida, 2019). Essa afirmativa produz a noção de que o contexto socioeconômico é influente nas relações de classe, de modo que essa interrelação é proveniente das organizações sociais, pois estas são produtoras de desigualdades.

Portanto, pontua-se que as discussões envoltas no Feminismo Negro têm destaque por identificar a lógica presente nas relações de poder e como são produzidas as desigualdades vivenciadas pelas mulheres negras, entendendo a mulheridade em pluralidade, desfazendo a ideia de homogeneidade do ser mulher, descrevendo como esses entrecruzamentos permeiam estas relações sociais oriundas de fragmentos colonialistas.

Para aprofundar esse recorte, faz-se necessário um retorno à premissa do Feminismo Negro, pois para Ribeiro (2018) o feminismo tem como foco principal a busca para se chegar a uma sociedade sem hierarquia de gênero, nesse viés, o gênero não pode ser protagonista e nem reprodutor de opressões, logo, não deve fazer atribuições de caráter privilegiado para determinados grupos. Seguindo essa lógica, devem ser repensadas as categorias gênero, raça e classe. Quando Lorde (2019) conceitua a hierarquia de opressão, salienta que essa ideia deve estar ausente do pensamento feminista, pois corre-se risco do feminismo dentro de si mesmo ser reprodutor de opressões, quando na verdade o objetivo é desfazer essas hierarquias envoltas no gênero.

Retomando os termos introdutórios da construção da teoria da interseccionalidade, compreende-se que eles estão interconectados nas análises construídas a partir do Feminismo

Negro e revisitando o conceito de Quijano (2005) sobre a colonialidade, Lugones (2019) amadurece essa ideia integrando-a ao conceito de gênero, nomeado como Colonialidade do Gênero. Basicamente, a autora descreve que o poder investido no colonialismo atrelado ao gênero converte-se em desumanização; portanto, modificar essa ótica é fazer uma estruturação de devolver à humanidade as particularidades atreladas ao gênero que em dado momento histórico foram negadas no caso do colonialismo, todavia, a colonialidade ainda permeia o tempo histórico da pós modernidade, gerando uma instabilidade nas relações sociais.

Por esse ângulo, o Feminismo Negro lida justamente com essas problemáticas, buscando dentre todos esses termos fazer uma condução epistemológica, traçando caminhos referentes a contextualização da interseccionalidade:

A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem. (Akotirene, 2018, p. 24).

Considerando o que foi mencionado sobre a interseccionalidade, sabemos que as identidades colocadas como subalternizadas são aquelas invisibilizadas ao longo dos processos históricos. Trazer à tona essa pauta para repensar esse olhar identitário é um aspecto ao qual deve estar em constante reflexão, pois Collins (2019) considera primordial a Autodefinição, isto é, ir além do que a estrutura social espera, é conceber a consciência autodefinida, saindo do lugar da subalternidade e entrando na condição da liberdade de expressar a identidade que por tanto tempo foi negada, na busca pelo protagonismo Feminino Negro.

1.2 Concepção Interseccional na sociedade daomeana

Primeiramente, para entendermos como se estende o panorama interseccional em *Mulher Rei (2022)*, em comum acordo com análise feita no subtópico anterior, destaca-se que as concepções do Feminismo Negro são fundamentais para entender a relação com o contexto fílmico que será apresentado. A história do filme é baseada no século XVI em uma sociedade do oeste africano chamada Daomé, atualmente nesse território está localizado o país Benin.

A escolha de uma análise baseada no Feminismo Negro e pautada na noção binária de gênero, que considera o feminino e o masculino, deve-se ao enredo apresentado em *Mulher Rei (2022)*, porém, destaca-se que a teoria do Feminismo Negro considera outras formas de conceber o gênero, para além do binarismo.

Nesse contexto, para dar início à discussão interseccional, o organograma abaixo demonstra a divisão da sociedade daomeana:

Figura: 08



(Fonte: Organograma elaborado pela autora, sociedade daomeana, 2023)

Nessa organicidade é notória a divisão de classes. Ghezo é a autoridade máxima, ocupando a posição de Rei, seguido da nobreza a qual reside no palácio composta pelo exército Agojie, as esposas do rei, eunucos e o exército masculino. Já os súditos ocupam um patamar mais baixo socialmente, pois a sua vivência é pautada em servir o reino, o qual se divide em uma pequena vila e plantações.

Após essa compreensão da organização social, o filme inicia com a apresentação de uma problemática vivida pela personagem Nawi. No momento inicial do filme, a sua posição é de súdita que vive próxima à dinâmica do campo. Na cultura daomeana, as mulheres precisam se casar por um casamento arranjado, mas esse não é o desejo de Nawi. Na figura 9 abaixo é descrito o momento de apresentação do seu “futuro marido” por seus pais:

Figura:09



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 10:10, recusar é opção sim)

As reações produzidas na figura acima são negativas em relação ao casamento, pois a expectativa do casamento não era de Nawi e sim da sociedade. Nesse ângulo, em harmonia com Foucault (1985), a sociedade tem a expectativa do casamento ser algo essencial para a formação familiar e também para determinar como cada pessoa utiliza seu sexo. Sendo assim, percebe-se como a determinação coercitiva da regra social sobressai à especificidade da mulher, porque o casamento arranjado era esperado apenas uma aceitação em que a negação não era algo plausível.

Nawi reage à agressão sofrida, permanece em silêncio, indo fisicamente contra o homem que foi apresentado como seu “futuro marido”. Essa reação pode estar ligada à “consciência autodefinida e coletiva das mulheres negras, o silêncio não deve ser interpretado como submissão” (Collins, 2019, p. 272), isto é, Nawi manter-se em silêncio não significa que esteja aceitando a imposição de se casar - no caso, a personagem tem uma atitude contrária a essa circunstância.

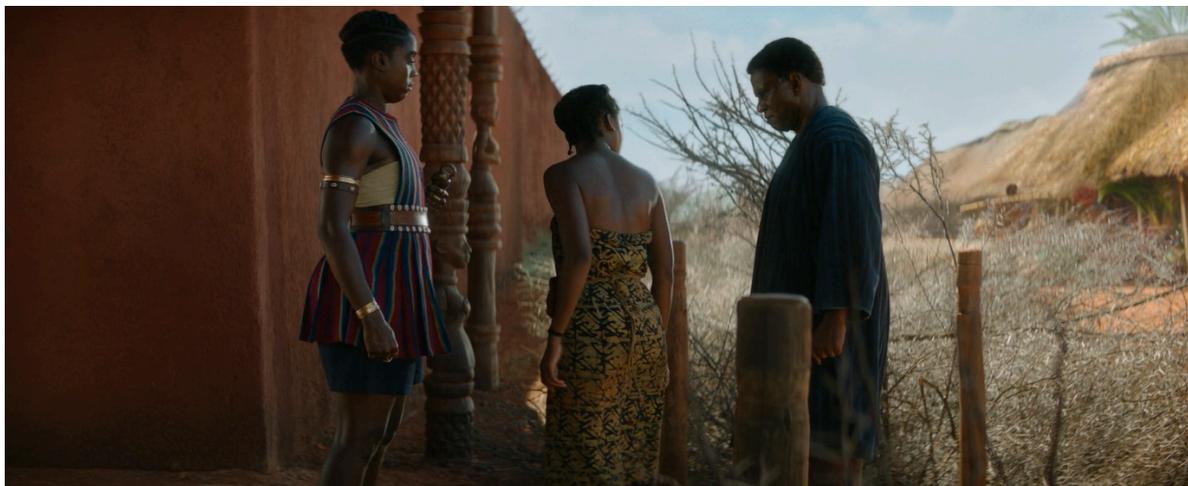
Neste momento, justamente por permanecer em silêncio e revidar, Nawi não tem uma ação submissa, pois ela passa a não agir segundo o que Foucault (2014) teoriza como Corpo Dócil. Agir como um corpo docilizado é seguir regras comportamentais coercitivamente, regidas pela Mecânica do Poder, em que é esperada a aceitação dessa condição, portanto, ir na contramão disso é sinal de avanço sob sua própria perspectiva.

Então, ao desafiar essa regra, Nawi cumpre o que Ribeiro (2018) coloca como uma posição de empoderamento, contextualizada frente às relações de poder que sofrem

desequilíbrio, ou seja, dizer sim a sua própria vontade é um fator significativo na trajetória da personagem, pois permite traçar um caminho de liberdade.

Focando na atitude de seus pais, é possível perceber que existe uma problemática, pois era esperado o seu aceite. Quando isso é contrariado, a cena denota uma reação de passividade, pois “se repetirmos uma coisa várias vezes ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal” (Adichie, 2012, p. 14). Isso indica que a violência era naturalizada, e ir na contramão disso os deixou sem reação, porém existe um momento em que Nawi se pronuncia sobre esse assunto, no exato momento em que é entregue ao palácio, para o rei:

Figura: 10



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 00:11:15, às portas do palácio)

Nesta cena ocorre o seguinte diálogo³:

- Pai de Nawi: Nenhum marido vai ficar com ela.
- Nawi: Eu não vou casar com um velho que me bate.
- Pai de Nawi: Vai para a guerra então, você vai entender o que é a dor.

A cena é encerrada quando a porta do palácio se abre, lá Nawi é apresentada a um novo modo de vida. Antes a personagem vivia no campo e agora passará a viver como uma guerreira Agojie, pois ocupam o lócus social de nobreza em Daomé, vivem no palácio em boas condições, mas existem alguns pré requisitos para fazer parte desse grupo como: não poder se casar e precisam viver em prol do reino. Abaixo segue uma imagem desse exército.

³ O diálogo referente à figura 10 ocorre no filme *Mulher Rei* (2022) no seguinte tempo: 00:11:20.

Figura: 11



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), Grupo Agojie)

<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/15/noticia-diversidade.1394033/a-mulher-rei-filme-de-viola-davis-conta-historia-real.shtml>

Durante a narrativa fílmica, é perceptível a dedicação e união desse grupo mediante as batalhas que ocorrem ao longo do filme. Seu objetivo é lutar por Daomé, pelo rei, uma vez que no reino acredita-se que elas foram escolhidas pelas divindades para tal missão, portanto, esse trabalho para o reino é remunerado. Porém, ao serem recrutadas, têm a opção de desistir do treinamento.

Retomando o processo de evolução da personagem Nawi, há um ponto em destaque, pois para se tornar Agojie é preciso muita resiliência para ir adiante na prova de resistência, na qual Nawi consegue ter êxito. Logo, essa mudança de paradigma da não aceitação do casamento era geradora de opressão, porque o suposto pretendente era rico e possuía muitas terras, porém isso não a interessava, ainda que a personagem tenha conseguido ascender socialmente em momento posterior, ocupando uma classe social mais alta.

Por isso, quando Nawi vai na contramão da imposição do casamento, gera emancipação e uma ruptura do padrão dominante de gênero nesse recorte porque: “contrariando o que está posto, o projeto feminista negro, desde sua fundação, trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios de classe e cisheteronormatividades articuladas em nível global” (Akotirene, 2020, p. 16). Junto a isso,

de modo geral, o Feminismo Negro é empenhado em aliar indagações sobre a interseccionalidade, afim de repensar o lócus social que a mulher negra é imposta pela cisheteronormatividade, esse termo pode ser explicado pelo padrão social estabelecido diante daquilo que deve ser seguido quanto ao gênero, por exemplo: ideias sociais construídas sobre o que é o masculino e o feminino.

Nesse sentido, pode-se dizer que é quase imperceptível notar a cisheteronormatividade sem um olhar crítico, pois a mesma é posta diante do que se espera do ser homem e do ser mulher, para a noção binária de gênero. Então, Nawi escolhe ter a própria história, assumindo a responsabilidade e arcar com a escolha que a desvincula desse padrão que necessariamente é produtor de desigualdades, logo, superar essa condição faz parte do seu processo de ascendência social e pessoal.

A trajetória das Agojie durante todo o seu percurso na narrativa é justamente impedir o avanço dos colonizadores nas terras daomeanas, proteger sua cultura, império e histórias próprias, pois justamente por esse motivo que ocorrem tantos conflitos. Nesse ângulo, enfatiza-se que os conflitos não são só contra os colonizadores, mas entre as comunidades próximas a Daomé. Logo, a ocorrência de guerras internas entre essas comunidades, denota que historicamente haviam histórias e civilizações anteriores à partilha da África entre a Europa, ou seja, esse território foi usurpado em consequência do colonialismo, assim, abrindo espaço para pensarmos em uma problemática do continente africano, visto que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adichie, p. 14, 2019), ou seja, criar estereótipos produz uma unicidade histórica equivocada. Sendo assim, há a emergência de ver a história do continente africano para além da colonização, e essa história não começa no “descobrimento”. Em *Mulher Rei (2022)* isso fica evidente, sendo apresentadas formas de organização e civilização com economia, território e cultura próprios.

As representações em *Mulher Rei (2022)* fazem referência ao que Lauretis (1987) conceitua como Tecnologia de Gênero, sendo assim, o gênero de acordo com essa abordagem discorre sobre a seguinte afirmação:

Necessitamos de um conceito de gênero que não esteja preso à diferença sexual como um efeito de linguagem, ou como puro imaginário — não relacionado ao real. Tal dificuldade, ou seja, a imbricação de gênero e as diferenças (s) sexual (is), precisa ser desfeita e desconstruída (Lauretis, 1987, p. 208).

Sendo assim, transcender a noção que se tem em volta do gênero é fundamental, pois o mesmo não está resumido às diferenças sexuais, e esse imaginário descrito é justamente aquilo que a sociedade pré-determina para o gênero, como pré-requisitos sociais, dentre os quais o gênero deve se enquadrar, para ser aceito socialmente e considerado como tal. Porém, o gênero é muito mais do que a sociedade espera dele, o gênero está envolto no indivíduo e se externa na sua identidade de gênero (Louro, 1997). Nesse sentido, no contexto fílmico de *Mulher Rei* (2022), a identidade feminina se externa de formas diferentes e não são acompanhadas em uma lógica de homogeneidade das personagens, exemplo disso é a trajetória da personagem principal Nanisca:

Figura: 12



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), Nanisca)

<https://expresso.estadao.com.br/naperifa/a-mulher-rei-e-em-carne-viva-naperifaindica/>

No quesito identitário, a personagem pode ser caracterizada pelo seu papel que desenvolve a articulação entre a política e a liderança do exército Agojie. Em comparação com o imaginário do feminino na sociedade daomeana, Nanisca tem uma representação que não condiz com essa expectativa da norma padrão, porque ela é uma mulher que se posiciona diante dos acontecimentos de ordem social e tem seu protagonismo bem desenvolvido ao longo da narrativa.

Lauretis (1987) entende que o gênero não pode ser simbolizado apenas pelo indivíduo, é, portanto, externalizado por uma relação de gênero. Por meio dessa relação em *Mulher Rei* (2022), é notória a identificação das relações engendradas pela trajetória da personagem principal, como também do exército Agojie - grupo composto totalmente por mulheres em toda a sua convivência e distribuição hierárquica. Logo, as relações de gênero entre as mulheres tornam-se mais empáticas e justas em prol de seu objetivo principal que ao longo de

toda a narrativa é demonstrado pelas lutas travadas com outros reinos e com os colonizadores pela sobrevivência do povo daomeano, preservando sua cultura, saber e territórios próprios.

Isso cria a consciência do que hooks (2019) chama de olhar opositor, ou seja, um olhar que se contrapõe ao *status quo*, o qual é representado pelo objetivo das agências em impedir o avanço colonizador, forjando-se, assim, na resistência: “na luta pela resistência, o poder do dominado de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar ‘consciência’ politiza as relações de ‘olhar’ — a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência” (hooks, 2019, p. 184). Logo, é identificada essa dita consciência do olhar, pois desde os primeiros momentos de *Mulher Rei (2022)* são relatados os contextos históricos e conflitantes. Até o seu desfecho, é possível constatar a existência desse olhar frente às atitudes do colonizador no comércio de pessoas escravizadas. Nanisca é a representação desse olhar opositor nas tomadas de decisão, pois tenta preservar a história de seu povo, tentando encontrar soluções para os problemas políticos enfrentados, evitando, assim, que todo o povo daomeano fosse vendido.

Além disso, *Mulher Rei (2022)* cria tensionamentos no imaginário produzido sobre o continente africano e a subjetividade desses povos, uma vez que “a história única cria estereótipos, e o problema não é que sejam mentira, mas que são incompletos. (Adichie, 2019, p. 26). *Mulher Rei (2022)* faz com que não seja uma história única justamente por trazer essa especificidade para o protagonismo do povo daomeano, abrindo um lugar de debate sobre o imaginário da colonização, desfazendo a ideia de unicidade de histórias, como também, inserindo representações não estereotipadas em seus personagens, ainda que estejam retratando a linha do tempo histórico do século XVIII, enfatizando que a história começa pelos daomeanos e não pelos colonizadores.

Desta forma, ao se opor ao *status quo* e não se render à homogeneidade, Nanisca em sua conduta política e coletiva representa o que Collins (2019) denomina como autodefinição e autoavaliação. A primeira definição é vista quando a personagem transcende o seu lócus social da sociedade daomeana por ser uma mulher que ocupa uma posição de poder e tem suas decisões ouvidas e reconhecidas. Já a segunda definição faz referência à subjetividade da personagem enquanto mulher negra que luta para impedir o avanço do colonizador.

Posto isto, fazendo um alinhamento sobre os termos originários do Feminismo Negro, a constituição desse embasamento teórico e os elementos constitutivos da interseccionalidade, no contexto de *Mulher Rei (2022)*, é possível fazer duas colocações, em síntese. A primeira é que a proposição de Akotirene (2020) sobre o letramento interseccional amplia o leque de

análise de questões sociais que envolvem gênero, raça e classe, e, nessa perspectiva, *Mulher Rei* (2022) evidencia esses três aspectos presentes no longa-metragem, sendo passíveis de dialogar com as teorias interseccionais. O segundo aspecto a ser levantado é pautado na afirmação de Collins (2016) sobre a *outsider within* que significa a forasteira de dentro, pois, no âmbito da construção do pensamento Feminista Negro, ser *outsider within* induz a junção de elementos que compreendem o *self* (si mesma), a instituição familiar e sua integração com a sociedade. Através dessa definição, conforme foram analisados trechos da personagem Nawi, a percepção entre o *self* e sua recusa com o casamento arranjado, transgride a regra social e quanto a personagem principal, Nanisca, o seu *self* é desenvolvido através do protagonismo em uma posição de liderança e isso gera respeito socialmente por parte de seu povo.

Contudo, as Agojie também transitam nesse lugar, pois cada uma delas têm sua subjetividade representada quanto a sua personalidade e evolução ao longo da narrativa, em que mesmo em papéis coadjuvantes é visível a preocupação da construção fílmica em não reproduzir imagens estereotipadas do ponto de vista estético da criação das personagens. Com isso, através do que Akotirene (2020) afirma sobre o Letramento Interseccional, torna-se exequível a leitura de *Mulher Rei* (2022) pelo viés dos Feminismos Negros. Esses parâmetros foram capazes de introduzir a análise fílmica privilegiando essa abordagem.

O próximo capítulo discorre sobre assuntos relativos à técnica da decupagem, segundo a perspectiva teórica de Xavier (1977).

CAPÍTULO 2: Decupagem fílmica de *Mulher Rei* (2022)

2.1 Decupagem Clássica em *Mulher Rei* (2022)

Este capítulo tem por objetivo delinear a técnica da Decupagem Clássica (Xavier, 1977), em seguida são apresentadas as cenas mais importantes de *Mulher Rei* (2022) com ênfase nas cores e planos e, por fim, foram realizadas discussões acerca dos elementos que compõem a trilha sonora do filme.

Conforme o que foi apresentado no capítulo anterior, *Mulher Rei* (2022) é um filme Hollywoodiano dirigido por Gina Prince-Bythewood, o qual retrata a história das mulheres Agojie. Considerando a temática desta narrativa, inicialmente serão apresentados sinteticamente termos de análise cinematográfica em consonância com a teoria escolhida proposta por Xavier (1977) como técnica de Decupagem Clássica a fim de observar características presentes em *Mulher Rei* (2022), permitir uma investigação do campo social onde o filme é produzido, levantar indagações que transpassam a plateia e, ainda, possibilitar um espaço de crítica às produções Hollywoodianas.

Segundo o autor, para utilizar a técnica de Decupagem Clássica, devemos fazer uma seleção de cenas, atentando para o enquadramento da câmera, plano e ângulo referentes às cenas escolhidas, observando o posicionamento do cenário, pessoas ou objetos em relação à lente da câmera. Desse modo, a decupagem nada mais é do que separar algumas cenas do filme com determinado objetivo analítico.

Sob o mesmo ponto de vista, os conceitos de opacidade e transparência são uma ponte interpretativa entre o/a espectador/a e o cinema e possui no meio, segundo Gomes (2016), o dispositivo que constitui o filme como um todo incluindo a parte física de sua construção e todos os outros elementos que englobam a produção fílmica.

Inclusive, “quando o dispositivo é ocultado em favor de um ganho maior de ilusionismo, a operação se diz de *transparência*. Quando o dispositivo é revelado ao espectador, possibilitando um ganho de distanciamento e crítica, a operação se diz de *opacidade*” (Xavier, 1977, p. 6), isto é, a transparência deixa o dispositivo implícito para a interpretação da espectadora, enquanto a opacidade faz com que o dispositivo seja representado de forma implícita para quem assiste. Alinhando esses conceitos, percebe-se que o/a espectador/a cria noções de significado, resultantes das camadas interpretativas presentes

nas produções fílmicas. Nesse viés, alguns elementos serão nítidos e essa percepção pode ser alcançada a partir de uma crítica à análise cinematográfica.

Ao aprofundar o conceito de decupagem a partir de Xavier (1977), a Análise Semiótica consiste em perceber a dimensão estética do filme e também os signos presentes, pois há uma construção de significados desde a gravação e montagem das cenas até o resultado final da produção. Nesse aspecto, é nítida uma preocupação em trazer uma intencionalidade específica de signos na composição fílmica.

Ampliando os estudos da linguagem cinematográfica, entende-se por diegético tudo o que faz referência ao mundo representado (Xavier 1977), logo, espaço diegético é o lugar de criação dos filmes, o que permite uma articulação com o que o/a autor/a determina como simulação do real, já que é feita uma manipulação na ótica de quem assiste. Isto porque os fatos que acontecem no filme não estão acontecendo enquanto a espectadora assiste - na verdade, o que vemos é o resultado dos processos de continuidade e descontinuidade das cenas, que quando organizadas dentro de uma sequência temporal por meio da edição, produzem sentido para o resultado final da narrativa.

Além disso, há um caminho entre a tela e o/a espectador/a, teorizado por Xavier (1977) como efeito janela, sendo definido como um atravessamento que é subjetivo para cada pessoa, todavia, o objetivo do efeito janela é submeter a espectadora a fazer uma relação inconsciente de sua vivência a partir da cultura a qual está familiarizada, por isso, produz interpretações que:

Deste modo, o dispositivo se põe como uma “instituição social da modernidade” que começa então a ser decifrada em suas bases mais profundas, Metz buscou mais tarde novas inflexões no enfoque da “questão do espectador”, encontrando uma afinidade no trabalho de Francisco Casseti [...] Metz já buscara uma precisão conceitual maior, sem horizontes de negação de qualquer cinema). Nas formulações que ele e Casseti fizeram depois, o ponto forte foi dar maior especificação a este “lugar do espectador” no processo, entendida a posição do sujeito-receptor tal qual o próprio filme a constrói ao se dirigir à plateia (Xavier, 1977, p. 176).

Conforme descrito acima, estar no lugar de espectadora significa afetar-se, uma vez que quem assiste pode se identificar com a história contada, entrando em contato com sentimentos e emoções e resultando em catarse, porém isso é subjetivo, pode ou não ocorrer. A linguagem cinematográfica trabalha justamente para que a espectadora tenha essa autoidentificação, trazendo para si as emoções que as personagens vivenciam. Esse detalhe permite um entrelaçamento com o efeito janela, ser atravessada por essa janela é determinar a relação produzida entre espectador/a e tela. Pois, para Vygotsky (1999) a arte é uma experiência estética e as pessoas podem se afetar de maneiras diferentes.

De acordo com o que foi mencionado sobre o efeito janela, trazemos Lauretis (1987) com o conceito de plateia e seu atravessamento. Segundo a autora, a maneira como a plateia decifra situações referentes ao aparelho cinematográfico sempre tem uma aproximação direta com o gênero de quem assiste. Sendo assim, além de ter as interferências culturais e sociais como julgamento nas produções filmicas, a criticidade do olhar também compreende o campo do gênero, porque é capaz de alcançar essa subjetividade.

A indústria cinematográfica de Hollywood, localizada nos Estados Unidos, é conhecida mundialmente por suas produções, tendo um mercado amplo quanto ao que Xavier (1977) delimita como aparato discursivo, pois considera o filme como um produto industrial, que permeia a imagem de divulgação do filme para o público. Atualmente, podemos usar como exemplo as propagandas, as quais geralmente aparecem nas redes sociais e geram engajamento, comentários e troca de experiências sobre produções filmicas.

Nesta linha argumentativa, conforme Xavier (1977) descreve, Hollywood é caracterizada pelo gênero de cinema naturalista, sendo expressiva a tentativa de semelhança ao real em suas produções, em que espectador/a pode ser facilmente persuadido/a por ser atravessado/a pela narrativa, completando, assim, a ilusão. Em síntese, ao estar imerso na ilusão do cinema, o/a espectador/a é levado/a para o que Xavier (1977) designa como a transparência, visto que Hollywood tenta esconder ao máximo o dispositivo - e se o dispositivo não aparece nitidamente, por consequência a transparência está sendo utilizada.

Explorando as potencialidades do efeito janela, Hollywood produz sentidos relativos ao campo interpretativo da espectadora, convidando a gerar questões relativas à imaginação, conforme a seguinte afirmação:

(efeito janela/fluência narrativa) e a modelagem precisa de uma dupla máscara: para propor uma ideologia como verdade, tal máscara insinua-se na superfície da tela (produzindo os efeitos ilusionistas) e insinua-se na profundidade e na duração produzidas por estes efeitos (produzindo as convenções do universo imaginário no qual o espectador mergulha) (Xavier, 1977, p. 46).

A partir do que foi mencionado no campo da imaginação, a crítica cinematográfica se aproveita desta máscara presente na tela para introduzir a espectadora na ilusão. É necessário convencê-la de que isso é real, para isto, Hollywood se baseia em uma vertente que Xavier (1977) relata ser um estilo de fazer cinema coerente com as inclinações de uma ideologia burguesa de produção, e o resultado disso seria uma certa ausência ideológica. Porém, sabemos que a indústria preza por uma conduta mercadológica capitalista a fim de manter sua superioridade na indústria cinematográfica por meio de filmes que façam sucesso de

bilheteria, pois para este mercado além do filme ser arte, é também produto; portanto, investir no aparato discursivo torna-se indispensável.

Ainda na objetivação desse campo e levando em consideração que o cinema é o lugar do imaginário, da ficção e do preenchimento do desejo (Xavier, 1977), um campo onde o imaginário pode ser produzido, *Mulher Rei (2022)* apresenta aspectos que induzem a plateia a se interrogar sobre: que tipo de imaginário essa diegese produz para sua audiência?

Para fundamentar o aparato discursivo, foi feita uma busca realizada na Plataforma de periódicos CAPES e só foi encontrado um artigo em língua portuguesa que faz referência ao filme *Mulher Rei (2022)*. Este artigo foi publicado em 2022 por Ana Lúcia Araújo e Carlos Francisco da Silva Jr, com o título de “*Mulher Rei: Agojié, Daomé e o tráfico Atlântico de africanos escravizados*”.

Em suma, esse artigo tem o objetivo de fazer um recorte sobre a escravização no reino daomeano a partir de análises sobre essa civilização e o grupo Agojié, fazendo comparações com os dados históricos reais do período de escravização deste reino e apresentando, ainda, relevância para noções geográficas e relações de poder. O método utilizado no estudo em questão é o bibliográfico. Quanto às referências, em sua maioria, dissertam sobre a escravização africana e estão escritas em Língua Inglesa.

Examinando esse artigo, podem ser encontrados três pontos principais: o primeiro, a representação das Agojie; o segundo, o modo de vida em Daomé e sua análise diegética; o terceiro, a sua interligação entre a ficção e o real, dando destaque para uma argumentação que inclui o colonialismo europeu como forma de desumanização.

Desenvolvendo o primeiro ponto, Araújo e Silva Jr (2022) fazem uma crítica às literaturas ocidentais, que retratam as Agojie como selvagens; entretanto, quanto a essas representações na produção fílmica, o grupo destaca-se pela sua habilidade, liderança e protagonismos femininos negros. Ao tecer essas críticas, fica evidente que no filme há uma quebra de paradigmas do padrão comum das telas. Pelo conceito de efeito janela de Xavier (1977), fazendo inserção dessa definição em *Mulher Rei (2022)*, percebe-se que a espectadora é atravessada pela janela, com a perspectiva de que são rompidos os cenários imaginativos entre a escravização e o colonialismo europeu quanto ao quesito de representações das Agojie nos termos de sua produção.

Ademais, no que diz respeito ao corpo social daomeano, os autores afirmam que “mulher rei acerta ao representar o Daomé como um Reino centralizado e militarizado, e não como uma tribo caótica, como é comum serem representadas as sociedades africanas em

filmes Hollywoodianos” (Araújo; Silva Jr, 2022, p. 04). No filme, o reino tenta lutar por sua independência e soberania, colocando em evidência que o colonialismo gerava efeitos negativos quanto a isso. Segundo as características de Daomé, há um distanciamento da homogeneidade na construção de sua narrativa.

Apesar de apresentar elementos diferentes da narrativa hegemônica, *Mulher Rei (2022)* foi um sucesso de bilheteria tanto no Brasil, como também nos Estados Unidos. Mas, o capitalismo usa até mesmo as narrativas diversas a seu favor. Exemplo disso é o filme *Pantera Negra (2018)*, o qual mostra a existência de outras civilizações - ideia que foi bem aceita e, conseqüentemente, o capitalismo se aproveita daquilo que vai trazer rentabilidade. Com *Mulher Rei (2022)* não foi diferente nesse quesito de rentabilidade, pois o objetivo da indústria onde foi produzido é condizente com a abordagem de perceber a produção filmica como um produto a ser comercializado e não só como produção cultural. Em consonância com Xavier (1977), não se pode negar os usos da intencionalidade, muito menos defender a neutralidade neste caso.

O último ponto discutido por Araújo e Silva Jr (2022) é o reconhecimento de que a ótica colonialista produz a escravização, processo que gerou desumanização, enquanto na narrativa de *Mulher Rei (2022)* as personagens têm suas trajetórias marcadas pela presença da subjetividade, o que traz humanidade para tais representações.

No próximo subtópico deste capítulo, analisamos elementos da Linguagem Cinematográfica por meio da decupagem de *Mulher Rei (2022)*, compreendendo o uso intencional das cores, planos e ângulos utilizados.

2.2 Planos e cores

O foco desta seção é a decupagem de *Mulher Rei (2022)*, dando ênfase na análise de atuação das personagens mulheres, sendo a líder Nanisca e o grupo de guerreiras Agojie. Sob esse olhar, foram construídas as paletas de cores pelo site *Colormind*. Nesse site, a submissão das imagens é feita via *upload* do dispositivo que está sendo utilizado. Após a realização desse procedimento, é obtido o resultado da paleta de cores com cinco tons predominantes, sendo selecionadas as que possuem maior predominância na imagem que foi selecionada.

Revisitando o conceito da janela de identificação:

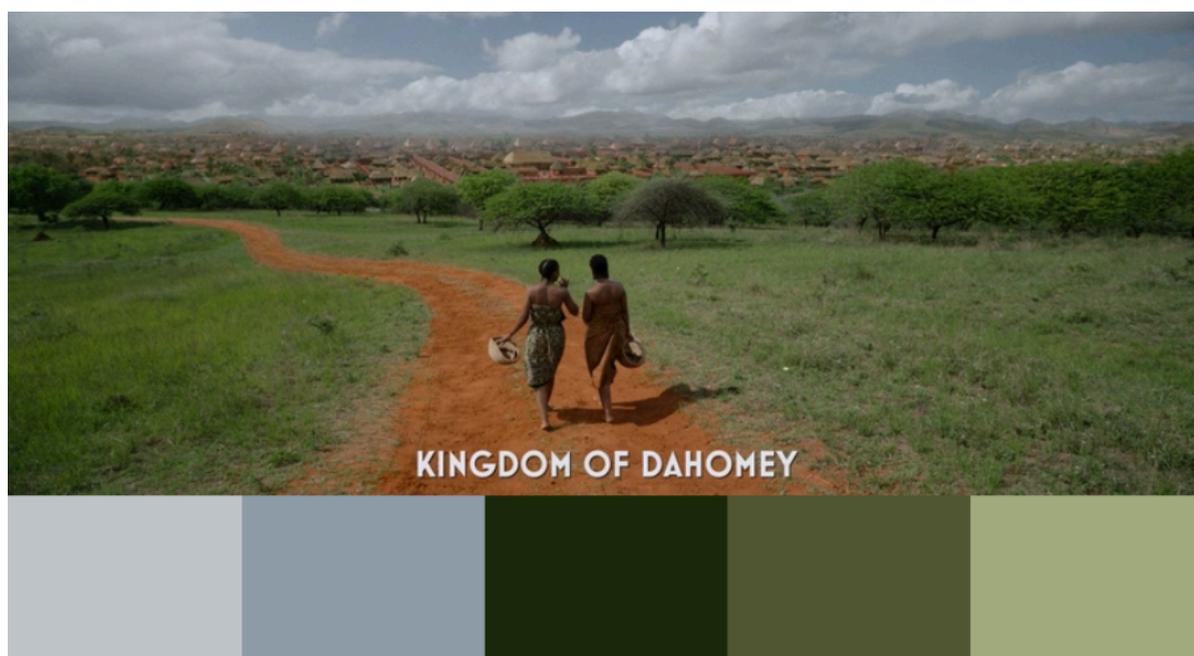
O termo imagem (originalmente baseado em imitação) significa, em sua primeira acepção, algo visualmente semelhante a um objeto ou pessoa real; próprio ato de especificar a semelhança, tal termo distingue e estabelece um tipo de experiência visual que não é experiência de um objeto ou pessoa real (Xavier, 1977, p. 17).

O termo imagem é um artifício da representação do real, levantando um enfoque para o que está sendo visto. Portanto, a observação do que ocorre no cinema são as imagens no movimento que Xavier (1977) define como movimento de continuidade e descontinuidade. É através da movimentação e edição de imagens que o resultado final é obtido como produto cinematográfico e assim, “ao interligar a ideia da busca de simulação do real ‘a imagem é um elemento de percepção visual’” (Farina, 2011, p. 29), pode-se dizer que o resultado dessa percepção gera idealizações diferentes para cada pessoa.

Os conceitos de imagem e cor andam juntos, pois geram produções de significados na narrativa. Segundo Farina (2011), as cores são capazes de acessar as emoções, e é com esse objetivo que ambos contribuem para o acesso do público ao que Xavier (1977) intitula como efeito janela e essa ruptura dos limites de tela e passagem do mundo real para diegético, entendido como espaço representado.

Contudo, “não existe cor destituída de significado, a impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos” (Heller, 2008, p. 18). É fazendo a curadoria de imagens selecionadas de *Mulher Rei* (2022) que serão desenvolvidas avaliações acerca do significado das cores presentes na paleta de cores considerando os contextos desenvolvidos nos frames selecionados.

Figura: 13



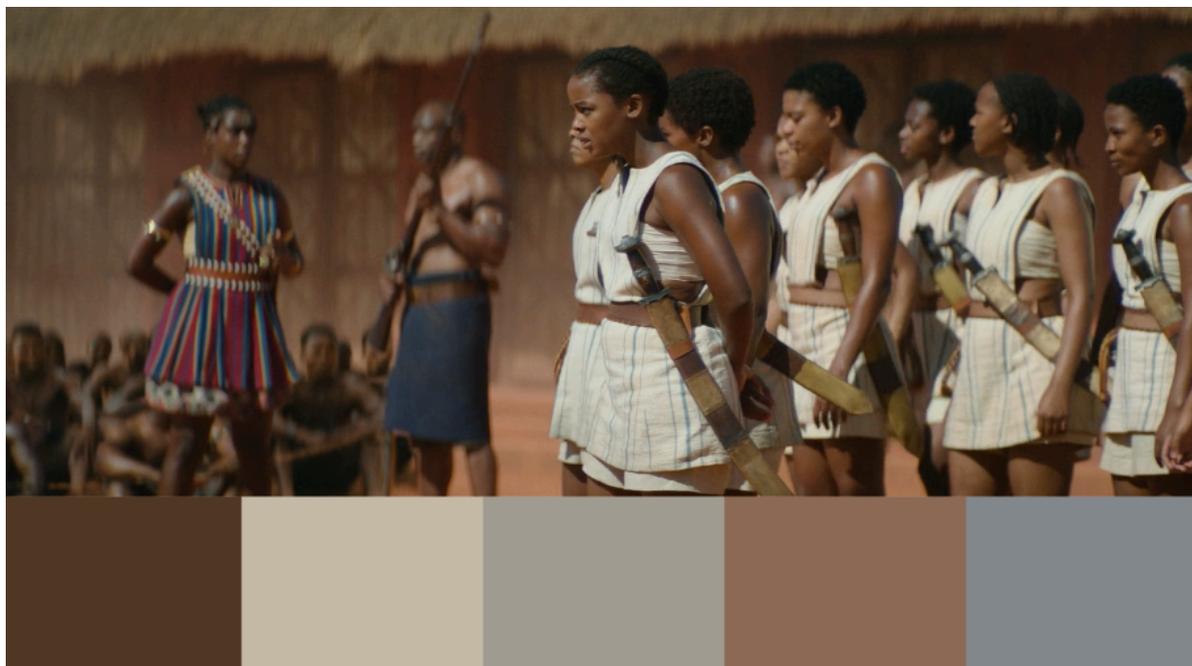
(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 06:45, Reino de Daomé)

Na figura 13 no início do filme, há representação de um Plano Geral ao ar livre, onde as personagens caminham em direção à casa de Nawi. As duas estão centralizadas no meio do ponto de perspectiva da cena, levando o público a manter o olhar no centro da tela. Ao fundo, é possível ver que Daomé é um reino arborizado, compreendido por um pequeno vilarejo. Além disso, nas cenas seguintes, percebe-se que o reino é cercado por plantações, enfatizando que a agricultura era uma atividade cotidiana dos daomeanos.

Observando a paleta de cores, percebe-se que os tons de azul e verde se sobressaem. Em concordância com Heller (2008), dentre as cores analisadas o azul é o tom mais frio e para Farina (2011) as cores possuem as sensações acromáticas que se dividem em dois tipos de associação: a primeira é a material na qual o azul é a cor do céu e a segunda é afetividade e o infinito. Em síntese, a cor azul está na parte superior do Plano Geral onde localiza-se o céu, levando o olhar para a infinitude da paisagem.

A outra cor que tem destaque é o verde e, dialogando com Heller (2008), uma civilização ter áreas verdes é sinônimo de natureza, a qual se mostra bem preservada ao longo do filme. Heller (2008) também menciona que a adição de azul e verde resulta na sensação de frescor transferindo equilíbrio para a cena, que está ensolarada.

Figura: 14

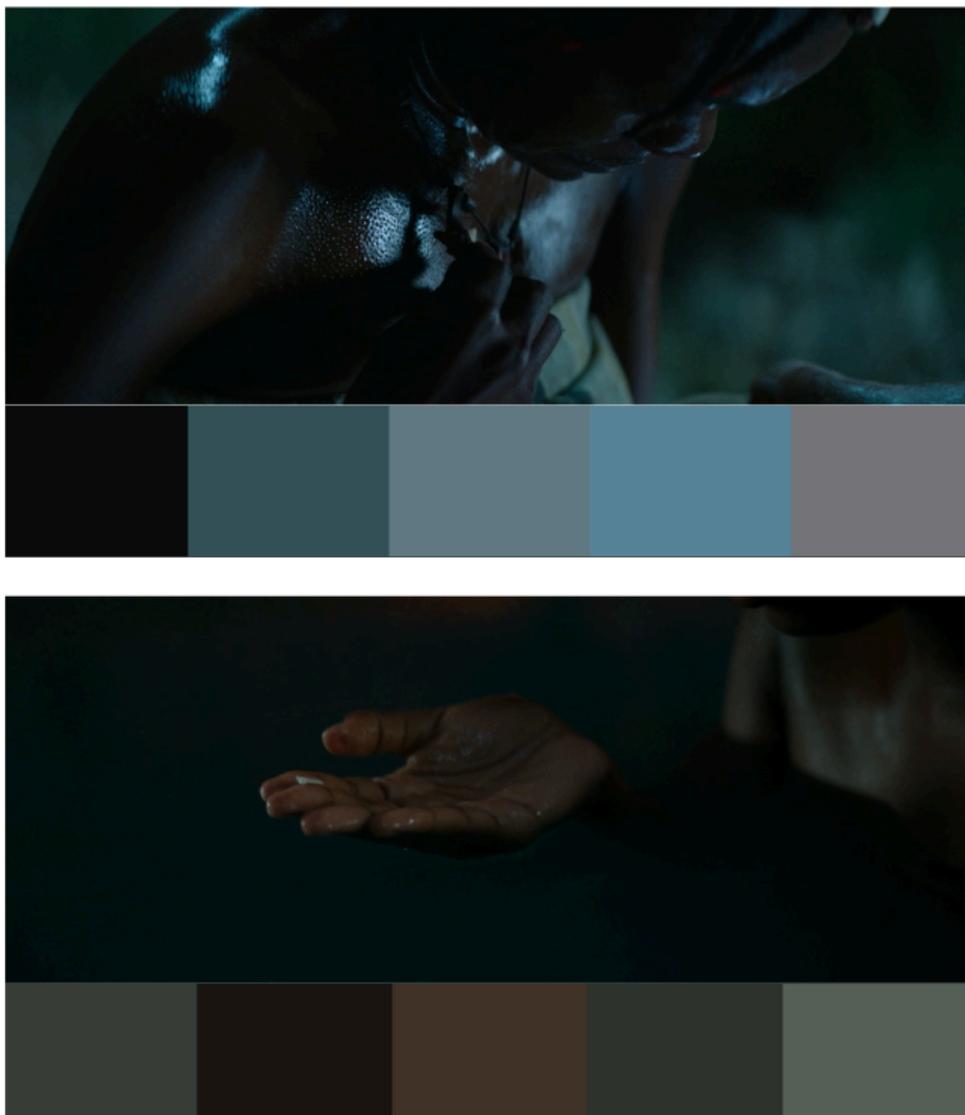


(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 58:29 Tornar-se Agojie)

Na paleta da figura 14, a utilização de tons marrons ocorre devido ao tom de pele das personagens representadas, tanto as que aparecem no enfoque como no desfoque da cena.

Sobre o cenário ao fundo, toda a arquitetura do reino é representada por tons terrosos, o que causa a impressão de resistência que é transmitida pelo marrom (Heller, 2008), enquanto o cinza é a cor do insensível. Isso faz relação com a competição, sendo fundamental ter concentração para passar pela prova de resistência, logo, isso demonstra também a noção de sensibilidade.

Figura: 15



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 01:18:25, plano sequência elemento de transição)

A seleção dessas duas cenas juntas tem a intenção de destacar o elemento de transição da diegese em *Mulher Rei* (2022). Quando jovem, Nanisca faz um corte no braço esquerdo de seu bebê e finca um dente de tubarão nesse espaço; após isso, Amenza fica responsável por levar a criança para um lugar seguro, porém, longe de Nanisca. O tempo passou e o destino

entre as duas personagens se cruza. Afinal, Nawi era adotada por sua família, foi deixada no palácio e entrou no treinamento para fazer parte do grupo Agojie. Quando o vínculo entre as duas se intensifica, Nanisca percebe a marca no braço esquerdo de Nawi e neste momento a questiona e faz uma incisão e o objeto de transição é revelado, enfatizando a mudança da trajetória das personagens.

A paleta de cores da figura 15 possui tons azulados e isso, de acordo com Heller (2008), constata frieza, o que foi necessário na ação da personagem para realizar o corte e fincar o dente de tubarão na pele da criança. Nesse sentido, o cinza revela sentimentos inacessíveis e isso fica nítido devido o foco da câmera estar na personagem e permanecer no primeiro plano. Nanisca entrega a criança para Amenza por preferir não acessar o trauma sofrido. Na continuação da sequência, a utilização do plano detalhe expressa a movimentação do elemento de transição que é o dente de tubarão e o seu retorno à narrativa. Entretanto, na segunda cena, Nawi cresceu e o sentimento de inacessibilidade retorna e é reforçado pela presença dos tons cinzentos sendo revelado por ambas as partes, enquanto o marrom aparece devido ao tom de pele das personagens.

Figura: 16



(*Mulher Rei* (2022), 01:09:41, juramento de sangue)

Na linha temporal do filme, o juramento de sangue ocorre após a competição do grupo com o intuito de aproximá-las, dessa forma, por meio de um plano conjunto, elas cantam uma música e Amenza, conselheira espiritual do grupo, diz as seguintes frases⁴:

— Sangue das nossas irmãs.

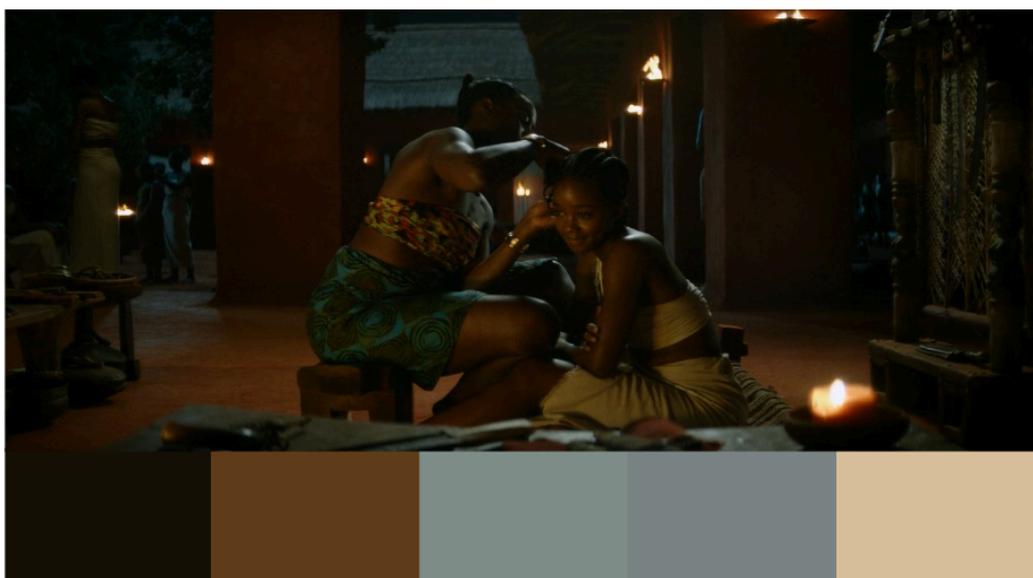
— Nos faz invencíveis.

— Vocês vivem por mim e eu por vocês ...

Por meio plano geral, observa-se que ao fundo da figura 16 são representadas tochas e, para Heller (2008), um dos sentidos de utilização do amarelo é a luz, por isso a iluminação é colocada propositalmente para que as roupas brancas ganhem luminosidade. A presença da cor branca, segundo a autora, é a junção de todas as cores e no ritual de sangue há o juramento de lealdade ao grupo, o que também transmite a sensação de pureza a qual as Agojie precisam se manter ao longo da vida.

Desde o início do filme, as Agojie são apresentadas como um grupo determinado e unido, buscando sempre resolver os conflitos em coletividade, portanto, fazem tudo juntas e isso permite que a relação entre as personagens seja amistosa e respeitosa. Em consonância com hooks (2019), existe uma irmandade entre as mulheres negras, característica notória no grupo das Agojie.

Figura: 17



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 01:10:17, irmandade)

⁴ O diálogo apresentado na figura 16, está no filme *Mulher Rei* (2022) e se inicia no tempo de 01: 09: 37.

Pela convivência, Nawi e Izogui se tornam amigas e passam a ter uma relação ao que hooks (2019) coloca como o empoderamento das mulheres negras, gerando um sentimento de irmandade. Ao longo do filme, Izogui a recebe no palácio e ensina quais são as regras e guia o processo de Nawi para se tornar uma Agojie. Nessa perspectiva, passam a fazer coisas juntas sempre defendendo uma à outra. A figura 17 está em plano conjunto, no qual as personagens estão centralizadas e o cenário está em segundo plano, uma vez que o foco é a ação, sendo assim, para destacar o cuidado de Izogui ao fazer tranças no cabelo de Nawi, acontece o seguinte diálogo⁵:

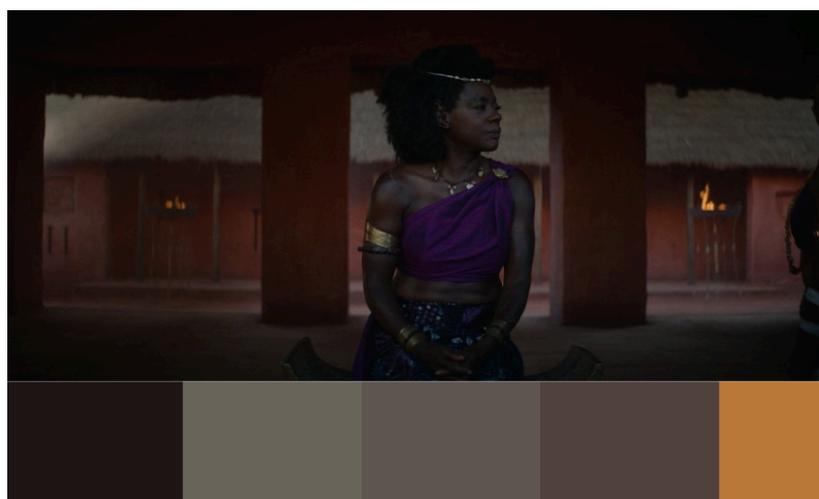
Izogui: — Agora você é minha irmã, vai ser uma honra lutar por você.

Nawi: — Eu quero que você me ensine como a Miganum ensinou a você, eu também quero ser grande.

Izogui: — Para ser grande tem que ter foco.

No que diz respeito às cores utilizadas, o marrom é predominante nos cenários de fundo e na arquitetura do reino. Revisitando o conceito de Heller (2008), essa cor traz resistência ao ambiente ao mesmo tempo em que traz também a ideia de aconchego. As luzes apresentadas também são amarelas, o que contribui para a ideia de um ambiente acolhedor. A outra cor utilizada é o cinza - um de seus significados é ser uma cor tediosa, e esse tédio tem relação com a ação representada, pois fazer tranças demanda tempo.

Figura: 18



(*Mulher Rei* (2022), 02:05:17 festa pós batalha)

⁵ O diálogo apresentado na figura 17 está em *Mulher Rei* (2022) no seguinte momento: 01:10: 17.

Chegando ao final da narrativa, um dos últimos acontecimentos é uma festa representada pela figura 18, que apresenta Nanisca sentada observando as outras mulheres na comemoração do título de Pojitu. Esse momento é o que Xavier (1977) denomina como momento emblemático do filme - nesta cena, a ligação entre o nome do filme *Mulher Rei* (2022) se torna ainda mais concreto, tendo em vista que é neste momento que se identifica o ponto alto da narrativa em *Mulher Rei* (2022), já que os conflitos com reinos vizinhos aparentemente tiveram uma trégua, mudando o cenário caótico vivenciado anteriormente. Nessa posição de tranquilidade, Nanisca parece reflexiva durante a festa e há o reconhecimento de sua importância no contexto do reino de Daomé.

Quanto à paleta de cores dessa última cena, Farina (2011) teoriza um sentido diferente para a cor marrom, que está presente nessa paleta de forma monocromática. Há uma alusão entre melancolia e a resistência, e sobre a cor laranja a associação afetiva seria a força. Essa perspectiva é evidenciada quando analisamos a trajetória da personagem que nessa cena chega ao fim.

No próximo subtópico, abordamos aspectos relativos à trilha sonora de *Mulher Rei* (2022).

2.3 Trilha sonora

Iniciando a discussão sobre os aspectos sonoros em *Mulher Rei* (2022), o cinema sonoro para Xavier (1977) é aquele que possui a junção entre a imagem e o som concomitantemente. Esses dois elementos devem ser vistos de forma integrada e não separada. Explorando essas noções, *Mulher Rei* (2022) é classificada como cinema sonoro.

Aprofundando a ideia entre as imagens e os sons, “as imagens e os movimentos sonorizados do cinema e da televisão têm um grau forte de ‘realidade’. Realidade no sentido de que aquilo que a pessoa está vendo ‘é’, mais do que “parece ser” (Almeida, 1997, p. 09). Pensar nessa realidade significa entender que os sons e as imagens produzidas nos filmes estão contidos no espaço diegético e não fazem parte do mundo real que a plateia assiste.

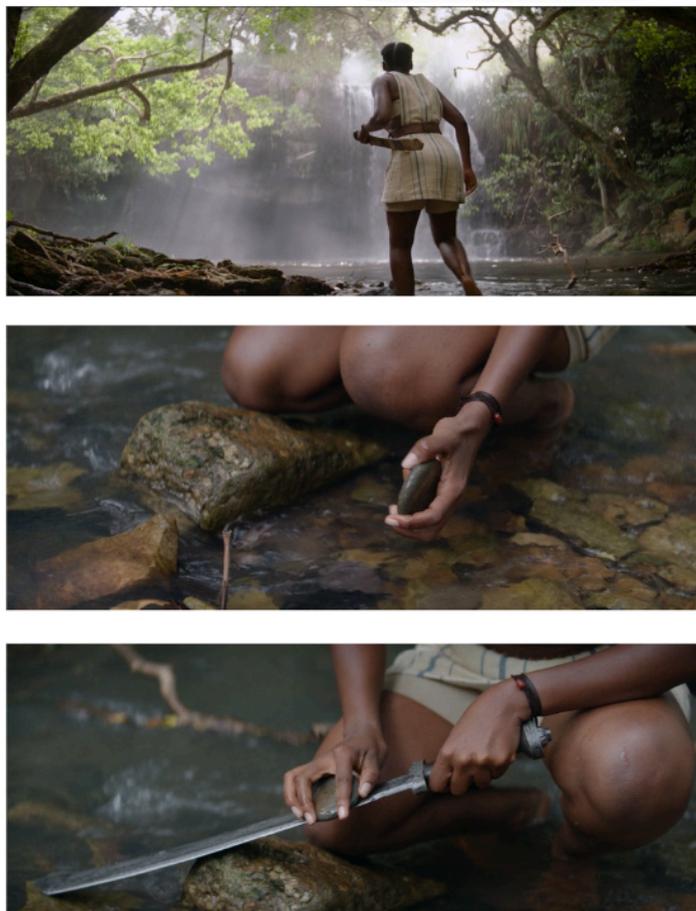
Evidenciando os sons em um produto fílmico, fica perceptível que o seu uso é intencional, gerando signos favoráveis para composição de cenas. Além da interligação entre imagens e sons, Alves (2012) destaca a existência de uma linguagem sonora, a qual possui termos como: *voice over* (narração), ruído ambiente, *sound effect* (ruído de efeito) e o *soundtrack* (trilha sonora).

Em *Mulher Rei (2022)*, a primeira linguagem sonora identificada é a narração, presente nos primeiros segundos do filme, fazendo uma contextualização do tempo histórico, e trazendo informações breves sobre os personagens que estarão envolvidos na narrativa.

Além disso, ao longo da produção filmica, a narração antecede ações que serão demonstradas no encontro entre as imagens e os sons. A narração em *Mulher Rei (2022)* é um meio para a explicação de conflitos que ocorrem posteriormente, como é o caso dos primeiros minutos de filme. Criar tensionamentos acerca da narração significa não só complementar o potencial imagético que o filme traz consigo, mas também compor uma produção de significação na narrativa, pois segundo Chion (2011, p.134), “essa estrutura do cinema que posiciona a fala das personagens essencialmente em primeiro plano sonoro provém do teatro, agregando à voz uma função dramática, psicológica, informativa e afetiva, sendo assim, a voz é capaz de perpassar o campo dos sentimentos do/a espectador/a, dando profundidade à interpretação do conteúdo apresentado”.

Para Alves (2012), a definição de ruído é referente aos sons produzidos por determinado lugar ou objeto, logo, existem dois tipos de ruído. O primeiro é o do ambiente - em *Mulher Rei (2022)*, os lugares onde a maioria das cenas ocorrem é ao ar livre, no campo, e isso é caracterizado pelos sons da natureza, pássaros e o som do vento nos arbustos. No palácio, os sons são usuais ao cotidiano de quem vive no interior da fortaleza. O segundo tipo de ruído para Alves (2012) é o de efeito, os quais aparecem em grande número - são os sons de espadas nas batalhas, o que sugere que na produção o ruído de efeito está ligado a objetos presentes na narrativa.

Figura: 19



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 53:56, plano sequência cachoeira)

Um exemplo de ruído ambiente e de ruído de efeito podem ser demonstrados no plano sequência da figura 19. Nawi chega na cachoeira e por alguns segundos contempla a queda d'água. Esse som se sobressai no ambiente representado pelo plano geral. Nos próximos frames, há um recorte para o plano detalhe, chamando atenção para a escolha de uma pedra. O fim do plano sequência retrata o ruído de efeito quando o movimento da pedra toca na espada, afiando-a. Em um contexto geral, ambos os ruídos são sons diegéticos, ou seja, a personagem interage e é capaz de ouvi-los.

A terceira linguagem sonora apresentada é a *soundtrack*, “a música constitui um dos mais poderosos elementos dramáticos da produção audiovisual” (Alves, 2012, p. 04). Deste modo, a música é uma aliada que potencializa e alcança o campo das emoções na plateia. A *soundtrack* possui 44 músicas, é composta por Terence Blanchard e pode ser acessada pelo *Youtube* e *Spotify*. Abaixo está a capa do álbum da *soundtrack* e o código do *Qr Code* para direcionar ao conteúdo:

Figura: 20



(Fonte: *Mulher Rei (2022)*, Qr code soundtrack no Youtube)

Na *soudtrack*, a única música que não é instrumental é *Rising up*, interpretada por Jessy Wilson e Angélique Kidjo. Parte da música é escrita em inglês e outra parte em um idioma identificado pela inteligência artificial do *Chat Gpt* como o Yorubá, um dos idiomas falados no Benin. A tradução está representada pela figura 21:

Música *Rising Up*

Inglês e Yorubá

Tradução (Português)

Figura: 21

<i>Got to Understand...</i>	O que acontece a partir daqui está em nossas mãos.
<i>What happens from here is in our hands.</i>	
<i>From Mighty Kingdoms of a distant land</i>	De poderosos reinos de uma terra distante
<i>Turn the world upside down, Yes we can.</i>	Vire o mundo de cabeça para baixo, Sim, nós podemos.
<i>We just gotta</i>	
<i>Rise Up</i>	Nós só precisamos
<i>Rise Up</i>	Levantar
<i>Keep Rising</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Continue Levantando

<i>Rise Up</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Levantar
<i>Keep Rising</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Continue Levantando
	Levantar
<i>Been marching so long</i>	
<i>How far is it to get to where we're going?</i>	Marchamos por tanto tempo
<i>Don't you know together we are strong?</i>	Quão longe é para chegarmos onde estamos indo?
<i>We gotta fight the madness til it's gone</i>	Você não sabe que juntos somos fortes?
<i>We just gotta</i>	Precisamos lutar contra a loucura até que ela desapareça.
<i>Rise Up</i>	
<i>Rise Up</i>	
<i>Keep Rising</i>	Nós só precisamos
<i>Rise Up</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Continue Levantando
<i>Keep Rising</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Levantar
	Levantar
<i>Power</i>	Continue Levantando
<i>Belongs to the people</i>	Levantar
<i>Belongs to the people</i>	
<i>Power</i>	Poder
<i>Belongs to the people</i>	Pertence ao povo
<i>Belongs to the people</i>	Pertence ao povo
<i>Power</i>	Poder
<i>Belongs to the people</i>	Pertence ao povo
<i>Belongs to the people</i>	Pertence ao povo
<i>Power</i>	Poder
<i>Belongs to the people</i>	Pertence ao povo
	Pertence ao povo

<i>We just gotta</i>	Poder
<i>Rise Up</i>	Pertence ao povo
<i>Rise Up</i>	
<i>Keep Rising</i>	Nós só precisamos
<i>Rise Up</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Continue Levantando
<i>Keep Rising</i>	Levantar
<i>Rise Up</i>	Levantar
	Levantar
<i>Keep Rising</i>	Continue Levantando
<i>Keep Rising</i>	Levantar
<i>Ooh</i>	
<i>We Gotta Keep On Rising</i>	Continue Levantando
<i>We Gotta Keep On Rising</i>	Continue Levantando
	Ah
<i>Agojié</i>	Nós precisamos continuar levantando
<i>Egbé we yin egbé lo</i>	Nós precisamos continuar levantando
<i>Akon kpinkpan wé mido</i>	
<i>Min ton wa nou afossogbé la</i>	"Agojié
<i>Now min bi sesé nin tchite la</i>	O grupo nos elogia enquanto o grupo vai
<i>Noudé min nanyin on</i>	A dança de <i>Akon kpinkpan</i> é bonita
<i>Mindé sou sin alo min wé édé lo</i>	Quando eu chego, dançamos alegremente
	Agora, estou aqui para permanecer, não irei embora
	Nós estamos aqui para nos divertir
	Vamos nos unir e dançar juntos
	Vamos celebrar este momento."

(Fonte: Tabela elaborada pela autora, traduzida pelo *Chat Gpt*)

Figura:22



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 02:09:41, santuário)

Rising up é a música que finaliza *Mulher Rei* (2022) em seus créditos, porém, em uma cena de pós-créditos, a figura 22 mostra Amenza em uma fala⁶ relativa ao sentimento de irmandade entre as Agojie, enquanto oferece no santuário os objetos das mulheres que se foram nas guerras:

- Irmãs em sangue, vocês caíram e agora elevem-se.
- Dancem conosco, estejam conosco.
- Vocês vivem por mim e eu por vocês. Izogie, Ode, Esi, Yoshe, Alekko, Kesia, Breonna.

Explorando a fala de Amenza e a letra de *Rising up*, a intencionalidade é retratar a trajetória final das Agojie por meio da simbologia desse grupo e o objetivo de defesa da soberania do reino daomeano, pois buscam impedir o avanço colonialista em Daomé.

Pensando no significado do caminho rumo à liberdade, e averiguando outras trilhas sonoras produzidas por Terence Blanchard, há um padrão em comum demonstrado pelas seguintes cenas - a primeira produzida em *Harriet: o caminho para a liberdade* (2019) e a outra em *Mulher Rei* (2022).

⁶ A fala de Amenza apresentada pela figura 22 acontece em *Mulher Rei* (2022) no tempo: 02:09:37.

Figura: 23



(Fonte: *Harriet* (2019), 01:17:54, trilha da liberdade)

Nessa cena da figura 23, utiliza-se um plano geral ao som de *Sinnerman* interpretada por Nina Simone, sendo relatada uma fuga. O uso dessa música traz intencionalidade ao contexto em que os/as personagens estão inseridos/as, pois durante a fuga há um caminho de grama, na imagem em perspectiva o ponto de fuga é representado pela casa azul.

Figura: 24



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), 01:45:47, caminho em perspectiva)

Este elemento presente em *Harriet: o caminho para a liberdade* (2019), se apresenta de maneira semelhante em *Mulher Rei* (2022) quando as Agojie treinam e se unem para entrar em conflito e defender seu povo. Esse caminho é demonstrado pela figura 24, ao som da *Traditional Benin song* (Música tradicional do Benin). O motivo dessa música estar presente nesse frame é a união do grupo em prol da liberdade, fazendo uma associação à identidade

cultural das músicas do Benin, exibida no plano geral em um campo, com a câmera localizada um pouco mais baixa que evidencia as Agojie em fila enquanto Nanisca, a líder, vai à frente. Observando o ponto de perspectiva dessa imagem, percebe-se que o olhar do/a espectador/a é direcionado para um campo de vegetação mais densa.

Os dois filmes apresentam algo em comum: a busca pela liberdade. *Mulher Rei (2022)* e *Harriet: um caminho para a liberdade (2019)*, além da trilha sonora, ocorrem aproximadamente no mesmo tempo histórico, ambos retratam o século XVIII, em lugares distintos, sendo um em Daomé e outro nos Estados Unidos. Concomitantemente, estar em prol da liberdade significava ir contra a imposição do colonialismo.

O próximo subtópico deste capítulo apresenta as contribuições de *Mulher Rei (2022)* e a sua relação com uma Educação Antirracista, buscando uma articulação a partir do entendimento crítico dessa diegese.

2.4 Contribuições de *Mulher Rei (2022)* para uma Educação Antirracista

Ressaltando as potencialidades de *Mulher Rei (2022)* e reflexões para uma Educação Antirracista, é preciso contextualizar os elementos que envolvem essa vertente educacional. Para Carine (2023), o espaço escolar ainda é reprodutor da colonialidade presente nas relações que envolvem o saber, uma vez que a perspectiva eurocêntrica é totalmente privilegiada no âmbito do poder, onde o racismo reverbera-se pelas estruturas sociais, e por último no ser, envolvendo representações contidas nas mídias e nos livros, os quais apresentam sempre a pessoa negra em um lugar de inferioridade e não de protagonismo, representando uma ideia de subalternidade, logo, para descolonizar o ser é preciso operar na subjetividade dos sujeitos, na construção da identidade negra e no imaginário social para reforçar a humanidade e a própria noção de “SER um sujeito”, constantemente negada pela colonialidade.

O eurocentrismo, através da figura da colonialidade e suas ramificações, é o respingo do colonialismo no século XXI. Subverter essa lógica é colocar em pauta uma emergente mudança epistemológica e ontológica, visto que a educação ainda é reproduzida a partir do viés da colonialidade. Então, quais são os avanços atuais nesse campo que investiga essa ruptura do pensamento educacional?

Exemplo disso é a alteração feita na lei 9.394/96⁷ a (LDB) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional por meio da Lei 10.639/03⁸ que em seus dispositivos determina a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, abrangendo especialmente a literatura, história e arte, embora haja a necessidade de um debate que alcance outros campos do saber nessa perspectiva afro-brasileira. Apesar de ser um avanço significativo, no cotidiano escolar ainda ecoam as vozes reforçadas pela branquitude. Carine (2023) disserta que a branquitude está presente quando o mito da democracia racial se faz válido, porque é esse mito que a coloca como detentora do saber, do poder e do ser. Enquanto o corpo docente por completo não reconhecer a existência do racismo na sociedade brasileira e o mito da democracia racial no Brasil como falacioso, e não compreender a urgência do reconhecimento e da valorização das epistemologias e identidades afro-brasileiras no campo da Educação, a Lei 10.639/03 não será cumprida em seu efetivo exercício, pois o racismo estrutural ainda atravessa a sociedade e por consequência a escola também.

Bento (2022) aponta a coerência na desvinculação da elite educacional, porque cortar esse vínculo não é algo tão distante da realidade educacional, mas se desenvolve no cotidiano, começando pelos materiais pedagógicos que permeiam a sala de aula, sendo necessária uma análise criteriosa quanto à intencionalidade do que é levado para as aulas, em que o papel docente é questionar o seu planejamento, não apenas reproduzi-lo.

Para além desse aspecto crítico, o enfrentamento da luta antirracista no âmbito escolar requer a promoção do letramento racial, pois “todas as pessoas que atuam no interior de uma escola são educadoras e precisam ser formadas, não apenas professores/as” (Carine, 2023, p. 77). Com isso, a formação de uma educação antirracista deve ser ampliada por todo o espaço escolar para que o mesmo contribua em prol do objetivo principal: construir uma sociedade antirracista.

Mediante a seguinte afirmação: O filósofo Alain Badiou formulou muito bem que “o cinema nos apresenta o outro no mundo”; é a arte que nos permite “uma nova maneira de pensar o outro” (Badiou, 2015, p.60 apud Fisher, 2023, p.95) é com esse propósito que *Mulher Rei (2022)* se apresenta como uma forma humanizada de olhar para o continente africano, entendendo que o colonialismo existiu e que o povo negro, que chega forçadamente para ser escravizado nas colônias, não se resume a essa condição. Sendo assim, a arte permite

⁷ Acesso da lei 9.394/96 pelo link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

⁸ Acesso da lei 10.639/03 pelo link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

uma elaboração sobre as civilizações africanas que transcende essa única representação negativa e incompleta que perpetua na Educação. No filme sobre o reino de Daomé, seus aspectos culturais e políticos são visibilizados, atentando-se para a representação das mulheres que são o principal foco da narrativa. Essa reflexão possibilita uma história contada a respeito dos povos africanos a partir de um lugar de protagonismo, conforme previsto na lei 10.639/03.

Destacando os papéis femininos demonstrados no filme pelo grupo Agojie, essa união positiva entre as mulheres é um convite a pensar as representações em sala de aula, pois as Agojie e Nanisca ocupam espaço de poder no reino e cada uma delas possui uma subjetividade desenvolvida ao longo da diegese. Nessa perspectiva, o/a docente é responsável por pensar as representações em sua sala de aula, ou seja, além de repensar as relações cotidianas, é preciso apresentar na literatura e na arte demonstrações positivas sobre a história africana com o protagonismo de pessoas negras. Um dos meios para construir isso é trabalhar a perspectiva cultural:

Como parte da “pedagogia cultural”, que, assim como a escola e a família constitui espaço de formação dos sujeitos, a mídia é também lugar em que as relações de poder são reproduzidas e efetivadas. Desse modo, construir e veicular imagens de determinado grupo social é tomar partido nessa dinâmica de poder. A escolha pela análise de produtos audiovisuais, portanto, se interessa em desvendar de que modo e a quem servem as representações de meninas negras veiculadas pela cultura de massa (Barbosa; Souza, 2018, p. 9).

Visar aspectos culturais e identitários como pauta permite um envolvimento com o corpo social, um recorte criterioso sobre as representações das imagens de fato é indispensável, a Pedagogia Cultural é crítica quanto às produções que apresentamos na escola. Portanto, perceber se a mídia apresentada traz potencial de representatividade é fundamental e esses aspectos podem ser encontrados em *Mulher Rei (2022)*, material filmico que possibilita a reflexão crítica dos/as professores/as, pois, para hooks (2017), a educadora deve ter a sensibilidade e atribuir valor à presença de cada estudante que compõe a sala, potencializando essa existência, buscando meios de trazer a diversidade e representatividade para o espaço educativo.

Para trabalhar essas representações, Gomes (2012) refere que a descolonização dos currículos deve ocorrer desde a Educação Básica até o Ensino Superior, pois o currículo precisa acompanhar os contextos inerentes no corpo social e, além disso, os/as docentes formados/as precisam adquirir a consciência crítica daquilo que atravessa o corpo discente. Esse tensionamento surge justamente pelo apagamento da história africana do currículo, ou

então de sua distorção, sendo representada muitas vezes como uma história de fracassos contada por uma perspectiva branca e eurocêntrica, quando na verdade é composta por civilizações antigas com suas próprias características e sua própria história que deve ser contada por vozes negras que foram e são constantemente silenciadas. Ao fomentar a descolonização dos currículos, tornam-se exequíveis os dispositivos presentes na lei 10.639/03.

Nesse sentido, para pensar uma educação antirracista, é preciso um respaldo teórico específico, para isso os professores/as dispõem de dois documentos principais: As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, elaborada em 2004, um ano após a inserção da Lei 10.639/03 na LDB, este documento norteia a prática pedagógica, assim como BRASIL (2004) disserta que o enfrentamento do racismo e as ações afirmativas são um dos pontos substanciais para uma educação antirracista, mas isso só é possível se recentralizarmos a ótica sobre o protagonismo dos povos africanos na história do Brasil, colocando em pauta que as discussões em torno do racismo, as quais permeiam a sociedade e a escola é o lugar certo desse assunto ser debatido.

Essa diretriz permite nortear o campo da educação das relações étnico-raciais, reiterando que essa responsabilidade é todos/as que compõem o corpo docente:

Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime. (Brasil, 2004, p. 15).

A diretriz por meio da lei 10.639/03 coloca em pauta que uma educação antirracista é algo que não se separa da formação social dos sujeitos, porque um dos intuitos da escola é formar cidadãos/ãs éticos/as e críticos/as e além de tudo antirracistas para a convivência em sociedade.

E quais são os meios para se chegar a isso? Logo, para que os/as estudantes sejam críticos é necessário que os professores/as também sejam, e uma das respostas para essa indagação é o que está descrito nas Orientações para a Educação das relações étnico-raciais, “A formação docente é decisiva para a educação antirracista” (Brasil, p.135, 2006) essa formação não deve ser somente continuada, mas também, contínua no processo formativo de docentes, aliás Brasil (2004) coloca que as pesquisas envoltas no tema da educação antirracista precisam ganhar maior visibilidade, pois o compartilhamento desses saberes na academia viabiliza uma maior abrangência da disseminação desse conhecimento.

Junto a temática de uma educação antirracista *Mulher Rei (2022)* também abre um debate sobre o cinema ser um veículo potente para construções de significados, pois, através dos filmes, o/a espectador/a é afetado/a a partir de sua visão de mundo. *Mulher Rei (2022)* descoloniza esse olhar ao trazer singularidade no caminho das Agojie pelo reino e o seu contato com a vulnerabilidade e humanização. Cada uma das personagens é vista como única e é exatamente assim que devemos olhar para a sala de aula, com um olhar subjetivo para o ensino e aprendizagens, tendo consciência das realidades sociais vivenciadas pelos/as estudantes. O cinema é capaz de quebrar essa barreira, porque toca no campo das emoções a partir da nossa visão de mundo. *Mulher Rei (2022)* é um filme que convida os/as docentes a desenvolverem um olhar interseccional, decolonial e analítico sobre a mídia, contribuindo para uma educação antirracista.

Aproveitando o ensejo da interlocução entre a educação e o cinema, trazemos a lei 14533/23⁹ que inclui na lei 9394/96 de acordo com o art. 4º intitulado com o subtópico do direito à educação e o dever de educar:

XII - educação digital, com a garantia de conectividade de todas as instituições públicas de educação básica e superior à internet em alta velocidade, adequada para o uso pedagógico, com o desenvolvimento de competências voltadas ao letramento digital de jovens e adultos, criação de conteúdos digitais, comunicação e colaboração, segurança e resolução de problemas. (Brasil, 2023)

Nesse trecho, são apresentadas as principais características da (PNED) Política Nacional de Educação Digital no Brasil, e pensando em suas características positivas, o maior ganho seria o letramento digital, porque os/as estudantes podem desenvolver isso na educação básica e superior, e conseqüentemente se estendendo nos demais espaços sociais, em contrapartida, pode-se dizer que:

A sua existência não é garantia de efetivação. Pelos estudos do imaginário, sabemos que as representações não mudam rapidamente nem por força da lei. A construção de imaginários depende das transformações das pessoas, gerando um outro coletivo, impulsionado pela formação diversificada. Deslocamentos produzidos por dispositivos como as artes em geral e, no nosso caso, com o cinema, são criados a partir de provocações com temáticas que envolvam a sociedade brasileira racializada, as discussões de gênero e diversidades (Fisher, 2023, p. 204).

Entende-se que a implementação desta política viabiliza meios para se chegar à educação digital e possivelmente a mais possibilidades de recursos para o cinema; entretanto,

⁹ Acesso da Lei 14533/23 pelo link:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2023/lei-14533-11-janeiro-2023-793686-publicacaooriginal-166856-pl.html>

isso só é possível quando o entendimento das questões que tangem a educação das relações étnico-raciais forem apresentadas, discutidas e colocadas em prática para que, por meio de um letramento racial, a intervenção a partir das tecnologias não seja somente um complemento e sim uma via de mão dupla para a efetivação e democratização de uma educação antirracista, conforme prevista na Lei 10.639/03.

Mediante o que foi apresentado neste subtópico, é possível propor que *Mulher Rei* (2022) seja um material fílmico que tem possibilidade de ser discutido nos espaços de formação docente, a partir de cursos ou palestras de formação continuada, tanto na Educação Básica, como no Ensino Superior, pois abrange aspectos relativos a uma recentralização ótica e epistemologia sobre o continente africano e a história do reino daomeano.

Além do aspecto de historicidade apresentado, refletir sobre os referenciais teóricos que os/as docentes levam para suas salas de aula, há o objetivo de fomentar uma prática pedagógica baseada na educação antirracista através da interface do cinema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao destacar as potencialidades de *Mulher Rei (2022)*, a perspectiva dos Feminismos Negros Interseccionais proposta por Crenshaw (2002) nos possibilitou um olhar interseccional sob as categorias gênero, raça e classe, sem sobreposição entre elas, analisando as hierarquias presentes no reino daomeano e sua subdivisão nos espaços de poder.

Concluindo o entendimento sobre a interseccionalidade, salienta-se que a proposição de Akotirene (2020) sobre o Letramento Interseccional possibilita uma observação sobre as Agojie a partir da potencialização da narrativa e permite um olhar sensível e especializado sobre as mulheres negras retratadas em *Mulher Rei (2022)*, trazendo centralidade e protagonismo para essa subjetividade, percebendo a interseccionalidade como uma escolha teórica coerente com a representação das personagens no filme.

No que diz respeito à técnica de Decupagem Clássica de Xavier (1977), buscou-se privilegiar as narrativas construídas em torno das mulheres no espaço diegético. Pensando nessa centralidade, o que mais chamou atenção foi o que Xavier (1977) descreve como o efeito janela, pois é por esse efeito de atravessamento que existe a sensibilização da plateia e que foi possível delimitar um olhar específico para os frames selecionados, destacando as identidades femininas no decorrer da trajetória das Agojie.

Quanto aos aspectos da trilha sonora, sua disponibilidade foi de fácil acesso pelo *YouTube*, porém, algumas músicas com letra não possuíam tradução, mas a sua identificação e intencionalidade foram suficientes para o domínio do movimento na composição entre imagens e sons, pois Xavier (1977) classifica como cinema sonoro aquele que se utiliza dos sons em sua produção. Pensando nesse aspecto, *Mulher Rei (2022)* cumpre o pré-requisito de cinema sonoro e ainda tem seu tempo histórico próximo à referência feita a *Harriet: caminho para a liberdade (2019)*, pois ambos os filmes compartilham semelhanças diegéticas, como a trilha sonora, e apresentam mulheres negras protagonistas que obtêm sucesso em suas trajetórias, além de se passarem no século XVIII, mas em localidades diferentes.

O cinema é um meio de construção cultural, pois permite um espaço para compartilhamento de diferentes visões de mundo. Nesse sentido, a Lei 14533/23, que apresenta a PNED, visa melhorar o cenário educacional nas escolas públicas, fomentando significativamente o campo da Educação e Tecnologias na rede pública. A efetivação dessa política interfere significativamente para a melhoria do acesso às tecnologias e, conseqüentemente, possibilita o cinema como algo mais próximo da comunidade escolar.

As reflexões de *Mulher Rei (2022)* sobre a sociedade daomeana podem contribuir para discussões que permeiam o campo da educação antirracista, reforçando a possibilidade desta produção ser amplamente trabalhada no âmbito escolar em conformidade com a obrigatoriedade da Lei 10.639/03, que há mais de duas décadas foi promulgada visando a promoção dos estudos sobre a África.

Com a emergência desse tema, intitula-se o dia 20 de novembro como o dia da consciência negra (BRASIL, 2023), entretanto, podemos dizer que de modo geral na realidade escolar brasileira essa temática ainda aparece apenas nesta data “comemorativa”, tal como Silva (2023) enuncia como currículo festivo, ou seja, certos temas que só aparecem esporadicamente no currículo em uma perspectiva de comemoração desconectada da realidade vivenciada pelas comunidades escolares. Em contrapartida, acreditamos na proposta de um currículo antirracista que vise a construção coletiva, enfatizando o protagonismo dos povos africanos e se desvinculando de práticas vazias baseadas no currículo festivo.

De acordo com essa percepção, o currículo antirracista e a interseccionalidade possuem semelhanças. Tal como constata Akotirene (2020), a interseccionalidade é fundamentada pela coletividade, e esse diálogo coletivo e constante na comunidade escolar permite a construção de uma práxis pedagógica coerente com a realidade escolar que de fato converse com suas realidades e emergências sociais.

Uma das formas de transcender o que o currículo festivo apresenta, seria definir o que Silva (2014) delinea como a pesquisa científica como um meio efetivo para a formação docente, apresentando o continente africano por uma perspectiva plural, todavia é por meio do desenvolvimento científico educacional, que alcançamos a formação inicial e continuada de professores. Destarte, contribuindo para o que Gomes (2012) denomina como descolonização curricular, mas para isso ainda é necessário um estímulo: “formar professores numa perspectiva de educação antirracista é uma ação que ainda se apresenta como um enorme desafio para as políticas públicas em educação” (Silva, 2014, p. 08) certamente, adentrar no campo de políticas públicas percebemos a necessidade de aprofundar-se ainda mais sobre as temáticas étnico-raciais, com o objetivo de enxergar essa lacuna como um campo emergente para a elaboração de políticas públicas educacionais.

Mulher Rei (2022) nos trouxe elementos para uma visão mais realista do continente africano, do ponto de vista da identidade própria de suas civilizações. Estes conhecimentos se articulam à ideia de ruptura de pensamento eurocêntrico, abrindo a possibilidade para validar outros tipos de saberes e conhecimentos.

Um paradigma que compreende que não há hierarquias entre conhecimentos, saberes e culturas, mas, sim, uma história de dominação, exploração, e colonização que deu origem a um processo de hierarquização de conhecimentos, culturas e povos. Processo esse que ainda precisa ser rompido e superado e que se dá em um contexto tenso de choque entre paradigmas no qual algumas culturas e formas de conhecer o mundo se tornaram dominantes em detrimento de outras por meio de formas explícitas e simbólicas de força e violência (Gomes, 2012, p.05).

O reconhecimento dessa dominação permite uma reflexão a respeito do eurocentrismo como a não única maneira de obter o conhecimento ou de ser um sujeito, possibilitando, ainda, a existência de formas contra hegemônicas. Dar visibilidade para uma infinidade de contornos plurais sobre o saber e o ser abre um caminho para o que Gomes (2012) refere como um diálogo intercultural capaz de emancipar aquilo que se aprende ao invés de inferiorizar. Então, *Mulher Rei (2022)* é um exemplo de narrativa potente, porque emancipa a perspectiva sobre a história da civilização daomeana, onde está situado o atual Benin, e permite a projeção de saberes outros, histórias outras e identidades outras no cotidiano escolar.

Por fim, *Mulher Rei (2022)* propõe que as histórias não sejam apagadas, na direção do que dizem Candau e Oliveira (2010) quando reforçam a importância de uma Pedagogia Decolonial baseada na formulação de uma mudança epistemológica que compreende uma educação intercultural, fomentando a criticidade curricular.

Para que o conhecimento se construa a partir da Pedagogia Decolonial é preciso agir contra a hegemonia do saber, o cinema faz parte da tecnologia, de acordo com Freire (1982) primeiro aprendemos a ler o mundo para então ler as palavras, ambos caminham sempre juntos, mas a leitura de mundo possibilita outros jeitos de se escrever, reescrever e por fim transformar a leitura. Contudo, a Pedagogia Decolonial é um meio de reconhecer a sociedade tal como é por uma perspectiva de leitura de mundo diversa, então ler o mundo por esse viés permitirá a transformação da forma de escrever.

Neste sentido, destacamos um último ensinamento de *Mulher Rei (2022)* para que não esqueçamos das mulheres negras que vieram antes de nós e foram importantes na construção do conhecimento, por isso, dar visibilidade à escrita das mulheres negras significa fazer um exercício decolonial e epistemológico.

Figura: 25



(Fonte: *Mulher Rei* (2022), Nawi, Nanisca e Amenza)

<https://agenciadenoticias.uniceub.br/criticas-e-resenhas/a-mulher-rei-filme-e-baseado-em-historia-real-de-guerreiras-african>

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

ADOROCINEMA. **Filmografia Terence Blanchard**. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-41338/filmografia/>>. Acesso em: 7 fev. 2024.

ALMEIDA, Milton José, **Imagens e sons a nova cultura oral**, Cortez Editora, 1994.

ALMEIDA, **Silvio. Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALVES, Bernardo Marquez. **Trilha Sonora: o cinema e seus sons**. Novos olhares, p. 90-95, 2012.

ADOROCINEMA. **Filmografia Terence Blanchard**. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-41338/filmografia/>>. Acesso em: 7 fev. 2024.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ARAÚJO, Ana Lucia; DA SILVA JR, Carlos. **A Mulher Rei: Agodjié, Daomé e o tráfico atlântico de africanos escravizados**. Afro-Ásia, n. 66, p. 746-754, 2022.

BARBOSA, Isabel Espindola; FERREIRA, Adriana Gonçalves; OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes; ZANINI, Rejane. Deslocamentos e provocações a partir da educação digital. In: ALVARENGA, Clárisse; FRESQUET, Adriana. (org). **Cinema e Educação Digital a lei 14.533 reflexões perspectivas e propostas**. Livro Digital, 2023.

BARBOSA, Karina Gomes; DE SOUZA, Francielle. **A solidão das meninas negras: apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis**. Revista ECO-Pós, v. 21, n. 3, p. 75-96, 2018.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BLANCHARD-TOPIC, **T.Dahomey at a Crossroads**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bn9ayl7-5iE&list=PLjIVuwzeqKZXULH05ySLs_iZEy6nVXKy6>. Acesso em: 7 fev. 2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 05 mar. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de

1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 27 fev. 2024.

BRASIL, Lei nº 11.533, de 11 de janeiro de 2023. Altera a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, instituindo a Política Nacional de Educação Digital. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2023/lei-14533-11-janeiro-2023-793686-publicacaooriginal-166856-pl.html>. Acesso em: 27 fev. 2024.

CARNEIRO, Sueli; Santos, Tereza. **Mulher Negra**. São Paulo, Conselho Estadual da Condição Feminina/ Nobel, 1985.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. Editora: Planeta, 3º edição, 160 p. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within**. Sociedade e Estado, v. 31, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro o poder da autodefinição. *In*: HOLLANDA, Heloisa. (org.) **Pensamento Feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Editora Bazar do tempo, 2019.

COLORMIND - **bootstrap UI colors**. Disponível em: <<http://colormind.io/bootstrap/>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Revista de estudos feministas, Salvador, 2002.

DE CASTRO, Susana. " **Aposta epistêmica**", o feminismo descolonial de Yuderky Espinosa Miñoso. Revista Ideação, v. 1, n. 42, p. 86-93, 2020.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. Editora Blucher, 2011.

FISHER, Maria Bueno Rosa, Vamos nos aquilombar? cinema e alteridade em nome de lutas antirracistas. *In*: ALVARENGA, Clarisse; FRESQUET, Adriana. (org). **Cinema e Educação Digital a lei 14.533 reflexões perspectivas e propostas**. Livro Digital, 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis, Editora Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam** [" The importance of the act of reading"]. 1982.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Mulher Negra**. Mulherio, São Paulo, ano 1, nº 3, 1981.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Editora Olhares, 2008.

hooks, Bell et al. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

hooks, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LAURETIS, Teresa. **Technologies of Gender**. Indiana University Press, 1987.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. *In*: HOLLANDA, Heloisa. (org.) **Pensamento Feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Editora Bazar do tempo, 2019.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero, mulheres redefinindo a diferença. *In*: HOLLANDA, Heloisa. (org.) **Pensamento Feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Editora Bazar do tempo, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa. (org.) **Pensamento Feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Editora Bazar do tempo, 2019.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educação em revista, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo . (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Editora Companhia das Letras, 2018.

SEKI, Allan Kenji; VENCO, Selma Borghi. Política Nacional de Educação Digital: uma análise de seus rebatimentos na educação pública brasileira. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 15, n. 2, 2023.

SILVA, Francisco Thiago. **Educação das Relações Étnico-Raciais Negras no currículo da Formação de Professores**. Projeção e Docência, v. 5, n. 2, p. 46-57, 2014.

SILVA, Francisco Thiago. **“Currículo Festivo” e suas vozes ausentes**. Multidebates, v. 7, n. 3, p. 10-19, 2023.

VYGOTSKY, Leontiev, Engestrom. **Psicologia da arte**. Martins Fontes. São Paulo. 1995.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico: A Opacidade e a Transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FILMOGRAFIA

HARRIET, o caminho da liberdade. Direção: Kasi Lemmons. Produção: Ghegory Allen Howard, Daniela Taplin Ludenberg, Debra Martin Chase, Charles King. Roteiro: Gregory Allen Howard e Kasi Lemmons. Estados Unidos, Universal Studios, 2019.

NEGRA, Pantera. Direção: Ryan Coogler. Produção: Louis D'Esposito, Kevin Feige, Stan Lee, Victoria Alonso, Roteiro: Jack Kirby, Joe Robert Cole, Stan Lee, Ryan Coogler. Estados Unidos, Marvel Studios e Walt Disney Pictures, 2018.

MULHER, Rei. Direção: Gina Prince Bythewood. Produção: Viola Davis, Cathy Schulman, Maria Bello e Julius Tennon. Roteiro: Gina Prince-Bythewood Dana Stevens. Estados Unidos, Sony Pictures Motion Picture Group, 2022.